

LISBOA

REVISTA MUNICIPAL
N.º 23 NOVEMBRO 2017
TRIMESTRAL GRATUITA

web summit

**LISBOA
NAS BOCAS
DO MUNDO**

Carrilho da Graça
A Brasileira
Escola da Baixa
Nuno Delgado
Biblioteca Galveias
Escola de Calceteiros





- 2 Lisboa nas bocas do mundo**
- 8 Lisboa na imprensa internacional**
- 11 Web Summit 2017**
- 12 Urbanismo:**
 - Novo transporte – bicicletas partilhadas
 - Nove ideias – Praça de Espanha
 - Morar em Lisboa – renda acessível
- 13 Uma praça em cada bairro**
- 14 Entrevista – Carrilho da Graça**
- 18 Guia - espaços com animais**
- 20 Escola de calceteiros – partir pedra numa profissão tipicamente portuguesa**
- 23 Exposição – Lojas com História**
- 24 Site da CML – Visitar Lisboa**
- 25 Orçamento participativo – Incubadora de Artes de Carnide**
- 26 Bairros:**
 - Alfama e Castelo – histórias pela casa adentro
 - Casalinho da Ajuda – um bairro leitor
 - Ajuda – primeiro emprego
- 27 Café Memória**
- 28 Desporto:**
 - Lisboa é finalista – Capital Europeia do Desporto em 2021
 - Para remar e velejar – Clubes de Mar
 - O ano passa a correr – Corrida São Silvestre
- 29 “UAU!” – escola básica Maria Barroso**
- 30 A Brasileira do Chiado**
- 36 Manuel Duarte – um engraxador no Rossio**
- 38 Galveias - um oásis na cidade**
- 40 Luz – Moda Lisboa**
- 42 Cultura:**
 - Visões da escravatura – Atlântico Vermelho
 - Resistências – Casa dos estudantes do Império
 - Arte contemporânea – Turbulências
- 43 Eventos em destaque**
- 44 Em festa:**
 - Pessoa e Saramago – Dias do Desassossego
 - LEFFEST – cinema em festival
 - Música e dança – Natal na cidade
- 45 À conversa com Nuno Delgado na sua escola de judo**
- 48 Correio dos Leitores**

Edição Câmara Municipal de Lisboa / Pelouro de Estruturas de Proximidade, Higiene Urbana e Economia e Inovação
Secretaria-Geral / Departamento de Marca e Comunicação

Diretora Maria do Carmo Rosa / Diretor Adjunto Luis Miguel Carneiro / Editora Sofia Velez

Redação Carla Teixeira, Filomena Proença, Isabel Advirta, José Manuel Marques, Luis Miguel Carneiro, Mafalda Ferraz, Marta Rodrigues, Rui Baptista, Rui Martins, Sara Inácio, Sofia Velez / *Editing* e *Revisão* Susana Pina / *Design*, *Ilustração* e *Paginação* João Ferreira, Maria João Pardal, Marta Barata / *Fotografia* Américo Simas, Ana Luísa Alvim, Armando Ribeiro, Luis Ponte, Manuel Levita, Nuno Correia
Arquivo DMC Célia Martins

Versão Braille Gabinete de Referência Cultural – Imprensa Municipal

Estatuto Editorial <http://www.cm-lisboa.pt/publicacoes-digitais/ultimas> / Impressão Multiponto, S.A. / Tiragem 300.000 ex.
Depósito Legal 341672/12 / ISSN 2182-5556 / Inscrição na ERC Anotada / Periodicidade Trimestral / Distribuição Gratuita

CONTACTOS Rua Nova do Almada 53, 1º 1200-288 Lisboa / 218 172 500 / correio.leitores@cm-lisboa.pt

LISBOA ESTÁ NAS BOCAS

O nome Lisboa é hoje projetado em todos os cantos do planeta, sendo esta reconhecida como uma das cidades com melhores condições para viver, estudar, trabalhar e criar, o que lhe tem valido inúmeras distinções internacionais nas mais variadas instâncias.

Lisboa está nas “bocas do mundo” pelas melhores razões – provando que não é só no turismo que se bate com as grandes capitais. Depois de ter conquistado todos os prêmios que havia para ganhar como destino turístico e de ter pulverizado a concorrência nos rankings que avaliam as preferências dos turistas, a cidade afirma-se crescentemente como lugar para a fixação de grandes empresas e, sobretudo, como centro de atração de jovens empreendedores e criativos e de captação de grandes eventos em áreas tão diversas como o desporto, as artes, a cultura, a tecnologia e a ciência.

Congressos e encontros mundiais sucedem-se aqui, constituindo terreno fértil para reafirmar as qualidades da cidade. Celebidades estrangeiras escolhem Lisboa para viver, e os investidores apostam nas suas oportunidades. A oferta de emprego qualificado atinge níveis inéditos.

Por isso, a cidade tem de saber acompanhar este momento de crescimento: prevenindo situações de exclusão social, garantindo o direito à habitação para todos os lisboetas, e não apenas para quem vem de fora, modernizando as suas estruturas, melhorando a oferta de equipamentos sociais e requalificando o espaço público. Sem nunca perder a sua identidade, que é, em primeiro lugar, a razão por que os outros gostam de nós.

DO MUNDO

Lisboa nas bocas do mundo



Não, não é apenas pelo turismo ou porque a Madonna para cá se mudou que Lisboa ganha cada vez mais prestígio mundial. Com vários prémios internacionais, um número crescente de empresas que aqui se decidem fixar, estudantes de todo o mundo, congressos e eventos de impacto global, esta cidade está, de facto, nas bocas do mundo. Modernização, revitalização e empreendedorismo são palavras-chave que caracterizam a última década, e os resultados fazem-se sentir.

TEXTO José Manuel Marques | FOTOGRAFIA SG-DMC

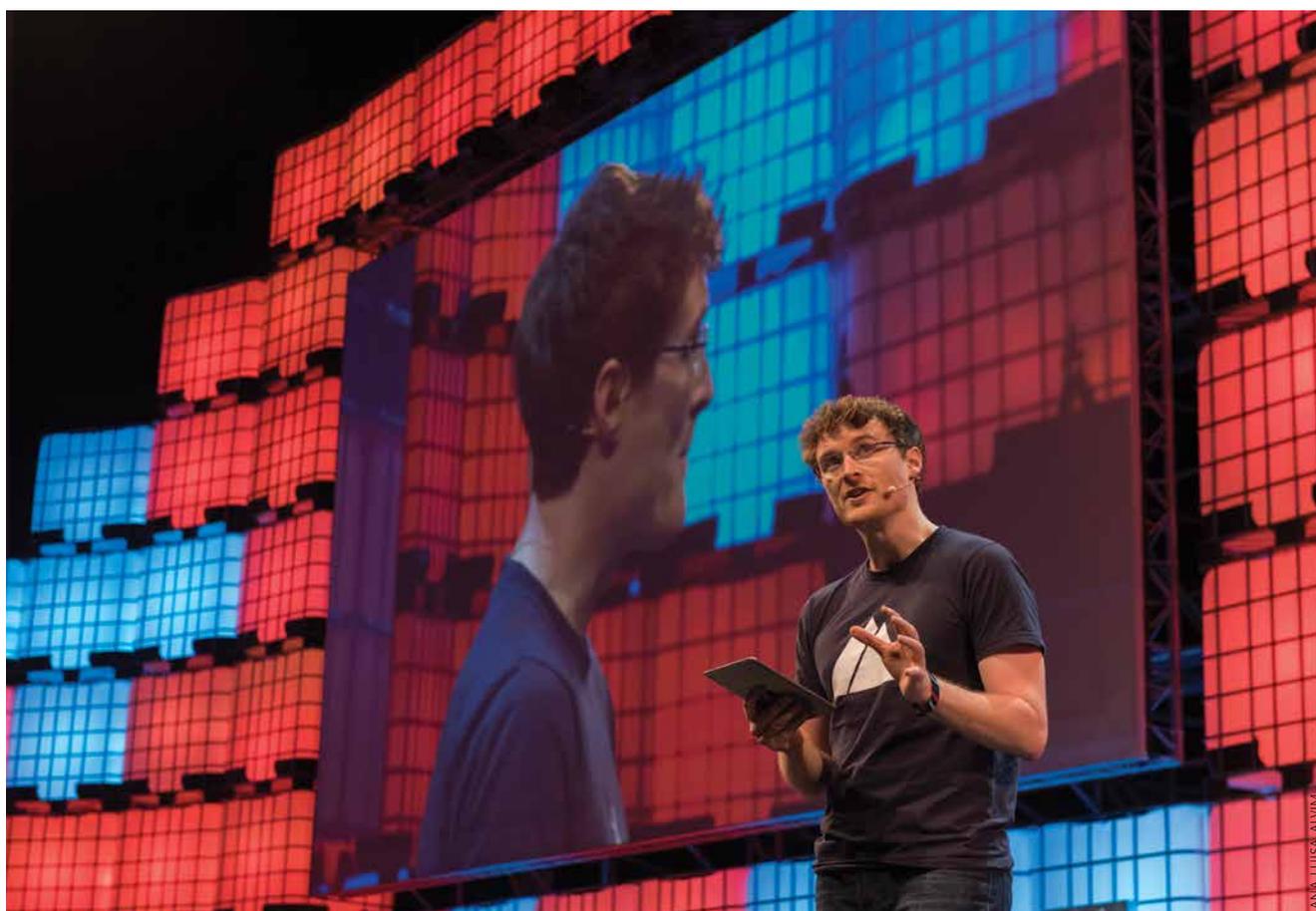
Web Summit, quem não ouviu falar? O maior evento de tecnologia, empreendedorismo e inovação à escala mundial mudou-se de armas e bagagens para Lisboa no ano passado, e para perceber porquê leiam-se as declarações do seu presidente executivo, Paddy Cosgrave, em 2015: “Escolhemos Lisboa por causa das boas infraestruturas, o incrível local que acolherá o evento [Altice Arena], e pela crescente comunidade *startup*. Estamos ansiosos por trabalhar com a comunidade empresarial de Lisboa.” O resultado está à vista. Mais de 50 mil pessoas passaram, em 2016, pelo Parque das Nações. Para este ano, estima-se que o número atinja os 60 mil, e os benefícios para o ecossistema empreendedor da capital (e do país) são muitos significativos.

“Quase todas as semanas sou contactado por investidores a perguntar o que se

está a passar em Portugal e em Lisboa”, afirmou Cosgrave na inauguração do escritório da Web Summit na capital – que passará futuramente para o Hub Criativo do Beato. Neste polo, além da empresa portuguesa de bebidas Unicer, já se instalaram a incubadora alemã Factory Berlin e a marca de automóveis Mercedes.

Mas o “apetite” por Lisboa não atingiu apenas o CEO da Web Summit. A incubadora Startup Lisboa tem cerca de trinta por cento de empreendedores estrangeiros, e muitas das empresas incubadas empregam frequentemente pessoas de várias nacionalidades, como é o caso da Uniplaces, uma das *alumni* que mais se destacam no ecossistema empreendedor nacional. De resto, a cidade conta já com uma residência no centro para acolher empreendedores ou investigadores que se deslocam a Lisboa em trabalho.

“Quase todas as semanas sou contactado por investidores a perguntar o que se está a passar em Portugal e em Lisboa” (Paddy Cosgrave, fundador da Web Summit)





Projeto Study in Lisbon – Sessão de acolhimento de estudantes estrangeiros, nos Paços do Concelho

Capital europeia do empreendedorismo

Sim, a cidade que em 2015 foi Capital Europeia do Empreendedorismo, é aquela que, cada vez mais, é escolhida por grandes empresas para se instalarem ou expandirem, como a Farfetch, a Teleperformance, a Fujitsu ou a Accenture.

Como é, cada vez mais, palco de grandes eventos, particularmente congressos; e não é por acaso que ocupa atualmente o oitavo lugar no *ranking* europeu do ICCA – International Congress and Convention Association, a maior associação internacional de turismo de negócios.

Refira-se o Congresso da Sociedade Europeia de Cirurgiões de Catarata e Refração,

que juntou, em outubro, cerca de dez mil participantes na FIL; a reunião anual da Associação Europeia para o Estudo da Diabetes, que, pela terceira vez, decorreu em Lisboa e acolheu este ano mais de 18 mil profissionais de saúde de todo o mundo; ou o encontro “The Language of Luxury”, organizado pela Condé Nast, editora da revista Vogue, que decorrerá em abril de 2018 e conta com prestigiados nomes da moda.

Cidade académica e desportiva

Falar de atração do mundo por Lisboa passa, impreterivelmente, por falar de estudantes. No ano letivo de 2015/16 foram mais de 15 mil a frequentar o ensino superior em progra-

mas de mobilidade internacional, e mais de 4500 em programas como o Erasmus. Atraídos pela cidade, pela sua cor, luz, e pelas suas gentes, muitos por aqui decidem ficar, outros desejam voltar, e a grande maioria seguramente afirma levar a cidade no coração.

Lisboa é, também, uma cidade cada vez mais virada para o desporto. Refira-se desde logo a Volvo Ocean Race, que a partir deste ano tem a sua base instalada na Doca de Pedrouços. “Imaginem que no Euro 2004 a Adidas ou a Nike tinham

Charme e encanto, mas não só

Claro que a opção da famosa intérprete de “Like a Virgin” por Lisboa veio, uma vez mais, pôr a cidade na ribalta do mundo. Mas antes, muitos outros famosos tomaram decisão semelhante: a atriz brasileira Giovanna Antonelli, o ex-futebolista francês Eric Cantona, a atriz italiana Monica Bellucci, a cantora brasileira Mallu Magalhães ou o realizador francês Joël Santoni. A lista é extensa e não se fica apenas por quem já se



Jovens criativos e empreendedores instalam-se nas incubadoras de empresas (na foto, o Centro de Inovação da Mouraria / Mouraria Creative Hub)

deixado cá a fábrica das bolas e das chuteiras”, afirmou à Revista Lisboa [n.º 22], Rodrigo Moreira Rato, responsável pela comunicação daquela que é a maior e a mais emblemática regata à volta do mundo.

Porque a cidade que aspira a ser Capital Europeia do Desporto em 2021 tem os equipamentos e a energia necessários, por aqui têm passado muitas provas desportivas integradas em roteiros internacionais. A Tall Ships Race, a Powerade MTB non-stop Madrid-Lisboa, a Taça do Mundo da Federação Internacional de Ginástica Acrobática, a Lisboa Triathlon, a eliminatória da Taça Davis ou o Rugby Youth Festival são apenas alguns exemplos da autêntica onda desportiva em que tem navegado a capital.

decidiu mudar. Casos há de celebridades que aqui decidiram investir e que, como John Malkovich, não descartam a possibilidade de se fixar definitivamente em Lisboa.

Tal como a escolha da cidade para acolher, no próximo ano, o Festival Eurovisão da Canção, a fará brilhar uma vez mais, sob os olhos atentos de uma boa parte do globo. Mas... porque acontece tudo isso?

Lisboa tem charme, sim. Lisboa encanta, sim. Lisboa é sexy, sim. Tem tudo isso, mas é muito mais.

A verdade é que Lisboa não parou no tempo. Modernizou-se, revitalizou-se e criou condições para enfrentar o futuro com confiança: Startup Lisboa, FabLab, Invest Lisboa, Lisbon Business Connections, Study in

Lisbon, Made of Lisboa..., a cidade conta hoje com uma panóplia de equipamentos, programas ou plataformas que lhe permitem atrair investimento e conhecimento.

Cidade cosmopolita, ecológica, cultural, desportiva e também solidária, preocupada com os mais desfavorecidos e pronta a abraçar quem aqui procura um porto de abrigo; porta atlântica da Europa, plataforma privilegiada de comércio entre os diferentes continentes, com fácil acesso a 500 milhões de consumidores europeus. Lisboa assume, assim, esse desiderato de se transformar numa cidade global mas única, uma cidade onde é bom viver, estudar, investir e trabalhar. E, naturalmente, uma cidade também para visitar, que conta, entre os seus atributos, ter sido considerada a mais segura da Europa.

PRÉMIOS E DISTINÇÕES

Capital Ibero-Americana da Cultura, 2017
(União das Cidades Capitais Ibero-Americanas)

Cidade europeia com mais “dinamismo cultural”, 2017
(Observatório das Cidades Culturais e Criativas)

Good Practice City Label, 2017 – pelo programa BIP/ZIP (URBACT)

Melhor Autarquia, 2017 (Plubituris Portugal)

Melhor Cidade, 2017 (Wallpaper Design Awards)

Prémio Especial de Inovação e Investimento, 2016
(Governance Awards Deloitte)

Best Public Administration for Startups, 2016 (Comissão Europeia)

Prémio Viver em Igualdade, 2016
(CIG, Presidência do Concelho de Ministros)

Svayam Accessibility, 2015
(Svayan-Global Centre for Inclusive Environments)

BigMat de Reabilitação, 2015 (BigMat-International Architecture Award)

Cidade Empreendedora Europeia, 2015 (Comité das Regiões da UE)

Candidaturas em curso

Food & Nutrition Awards, 2017 – Projeto “Selo Saudável”: dieta mediterrânica nas refeições escolares.

Capital Europeia do Desporto, 2021 (Associação Europeia das Cidades e Capitais do Desporto)



Turistas no Miradouro de Santa Luzia. “Enquanto outros países gastam fortunas a promover-se internacionalmente, Lisboa vê isso acontecer de modo orgânico, pelo boca-a-boca”
(Tyler Brûlé, *Financial Times*)



Mais confortável
só na nova App
Montepio24

NOVA APP MONTEPIO24

Descarregue já e trate de
tudo confortavelmente

A nova app Montepio24 já está disponível e
permite que trate do seu dia-a-dia
financeiro no conforto do seu smartphone.
A partir de agora pode trazer o seu banco
de sempre no smartphone.



montepio.pt



Montepio

Valores que crescem consigo.

Para mais informações visite-nos. CAIXA ECONÓMICA MONTEPIO GERAL (CEMG), caixa económica bancária, entidade com capital aberto ao investimento do público, com o capital institucional de 1770 milhões de euros, registada na Conservatória do Registo Comercial de Lisboa sob o número único de matrícula e de pessoa coletiva 500792615, com sede na Rua Áurea, números 219 a 241, freguesia de Santa Maria Maior, em Lisboa.



Depois das virtudes turísticas, a imprensa internacional destaca agora o ambiente empreendedor e produtivo da cidade, com artistas, criativos e empresas de todo o mundo a escolherem Lisboa para se instalar.



“O triângulo”, entre Santos e Bairro Alto, uma das zonas mais *cool* do mundo (*Lonely Planet*)

Num artigo do **Financial Times**, Tyler Brûlé relata como Lisboa vem à baila em conversas que teve em Banguecoque, Melbourne, Hong Kong ou Tóquio. Enquanto outros países gastam fortunas a promover-se interna-

cionalmente, Portugal e Lisboa veem isso acontecer de modo “orgânico”, pelo boca-a-boca da gente influente que aqui se estabeleceu profissionalmente.

Exemplos dessa atmosfera inspiradora aparecem

numa peça da **Agência France-Presse**, que resolveu deambular pelos telhados e terraços de Lisboa. Já anteriormente falámos aqui de bares e restaurantes que exploram com êxito esses espaços, mas agora

sabemos de outros aproveitamentos, alguns deles por iniciativa dos novos residentes: aulas de ioga, sessões de cinema, concertos e ginásios. É caso para dizer: há vida nas alturas.

O **Creative Bloom** faz um roteiro de Lisboa destinado a criativos, destacando a boa convivência entre trabalho e lazer, os bons espaços de *coworking* e o ambiente inspiracional. Para Laura Collinson, está explicada a recente instalação em Lisboa de agências como a Aparticula (*branding* e desenvolvimento), a FunnyHow, a The Creative Shop, ou ainda a Nylon, que partilha a base entre Lisboa e Nova Iorque.

O **Traveller** fez uma lista de dez cidades boas para viver – e, claro está, Lisboa é uma delas. Ben Groundwater sublinha a tranquilidade, a hospitalidade, a culinária excelente: “Mudava-me para lá amanhã.”

E a **CNN** pergunta: “Lisboa é a nova Berlim?”, a propósito do sucesso das indústrias criativas. Mairi Mackay encontra aqui um ritmo descontraído, o charme do velho mundo, galerias, lojas de *design*, cafés, livrarias, restaurantes peculiares, e sempre o som metálico da construção – para onde quer que se olhe, Lisboa está a melhorar.

Parte da atração da cidade vem da cena cultural e artística, diz o artigo. A abertura do MAAT e a ARCO Lisboa sinalizam a nova energia que

está a atrair criativos de outras capitais europeias. Mostra, ainda, como a paisagem cultural e empresarial da zona oriental da cidade se transformou, com a instalação de espaços como as galerias Filomena Soares e Múrias | Centeno, o estúdio Bregas ou o espaço de *co-working* Todos, fundado por Frederico Mancellos e Frederico Miranda – a casa de trabalho para 62 criativos independentes, fotógrafos, engenheiros de som, editores cinematográficos, *web designers* e restauradores de mobiliário.

Do outro lado da cidade está o “triângulo”: as ruas Poço dos Negros, São Bento e Poiais de São Bento delimitam um espaço onde criativos e empreendedores instalam os seus negócios lado a lado com as antigas casas comerciais. A **Lonely Planet** destaca a zona como uma das mais *cool* do mundo.

“Lisboa, ¿pero dónde estás?”, pergunta Javier Martín num artigo para **El País**.

“Lisboa vive hoje uma paixão, uma ambição que as suas gentes, os seus políticos, os seus empresários nunca tinham conhecido”, escreve a propósito da chegada à cidade de juventude empreendedora proveniente do mundo anglo-saxão, africano e brasileiro. E apresenta casos de sucesso na agremiação de criativos: Rua Nova do Carvalho, LX Factory e Hub Criativo do Beato.

Também o velho armazém da fábrica Abel Pereira da Fonseca se transformou num espaço de oficinas e trabalho: por ali já passaram criativos de todo o mundo, que viram nesse antigo armazém uma alternativa ao escritório convencional. A empresária e arquiteta Maria Álvares, responsável pelo espaço, não acredita que Lisboa possa perder a sua identidade neste processo: “Temos muitos imóveis abandonados e a política municipal não é derrubar, mas reformar. A cidade está mais bonita do que nunca.”



“Todos”, casa de trabalho para 62 criativos, em Marvila (CNN)



SOMOS
A CIDADE
WEBSUMMIT
PORQUE
SOMOS

MADE OF
LISBOA

Community of Lisbon-based Innovators
madeoflisboa.com

WEB SUMMIT 2017

É a maior conferência de inovação, tecnologia e empreendedorismo a nível mundial, e decorre em Lisboa, de 6 e 9 de novembro. Pelo segundo ano consecutivo, no Parque das Nações (FIL e Altice Arena), encontram-se os grandes investidores e os novos empreendedores, as multinacionais e as pequenas empresas que apostam numa ideia inovadora de negócio – as chamadas *startups*. Para muitas delas, a Web Summit representa uma oportunidade de ouro. Este ano, há mais de 1500 investidores vindos das principais empresas de capital de risco; desenham-se parcerias, estabelecem-se redes de *networking*, e no concurso *PITCH* cerca de 200 *startups* procuram demonstrar o seu potencial.

Quem é quem no mundo da inovação e da tecnologia marca presença nesta conferência. As maiores empresas, aquelas de que todos ouvimos falar, como a Microsoft ou a Booking.com, fazem-se representar pelos CEO e quadros de topo. Mas não é só o universo empresarial que participa. Um mundo melhor exige criatividade, e a criatividade gera-se, por definição, no cruzamento de experiências. É assim que se explica a presença

de nomes sonantes do desporto, da política, da economia e do terceiro setor; e a participação do próprio secretário-geral da ONU.

Impacto na economia local

Estima-se em 200 milhões de euros, o valor injetado diretamente na economia do país na sequência da organização da Web Summit: despesas de estadia de oradores e participantes (alojamento, deslocações e alimentação), e fornecimento de serviços logísticos.

Um quarto desse valor vai para a indústria hoteleira da capital; aproximadamente 15 000 reservas feitas através da Airbnb, representando um total de 2,8 milhões de euros (de acordo com a organização). Segundo dados da AHRESP, grande parte da capacidade hoteleira e de restauração está esgotada para os dias do evento.

Além destes efeitos diretos, o impacto económico indireto é inestimável, com a presença em Lisboa de centenas de grandes investidores, e o efeito âncora da Web Summit para a instalação de muitas empresas internacionais.

Web Summit em números

1100
horas de orientação entre mentores e *startups*

> 170
países representados

> 1000
oradores

200
empresas em competição *PITCH*

> 1500
investidores de empresas líderes mundiais

> 2200
jornalistas

21
conferências em nove palcos principais

> 60 000
participantes

1600
startups

2100
horas de reuniões *speed dating* entre investidores e *startups*

urbanismo

Novo transporte Bicicletas partilhadas

Começa a crescer pela cidade a rede de bicicletas partilhadas, um projeto da empresa municipal de mobilidade, EMEL, de início instalado no Parque das Nações e agora a expandir-se por Lisboa.



Gira – Bicicletas de Lisboa contará com mais de 1400 bicicletas, distribuídas por 140 estações: 92 no planalto central da cidade, 27 na baixa e frente ribeirinha, 15 no Parque das Nações e 6 entre as avenidas Fontes Pereira de Melo e da Liberdade.

A rede, que funciona através da aplicação móvel Lisboa Bike Sharing, pode ser utilizada mediante três modalidades: o passe anual e o passe mensal, destinados a residentes e com um custo de 25 euros e 15 euros, respetivamente; e o passe diário, com um custo de 10 euros. A estes valores de subscrição do serviço acrescem os custos de utilização, com tarifas que têm como objetivo incentivar a utilização do sistema em viagens pendulares (casa-trabalho ou casa-escola), tipicamente de curta duração.

www.gira-bicicletasdelisboa.pt/

Nove ideias Praça de Espanha

A Praça de Espanha já tem uma respeitável história. Ao longo dos tempos foi objeto de várias intervenções, estudos e projetos. Mas agora prepara-se para uma nova fase. Na exposição “9 Ideias Praça de Espanha”, a decorrer na Fundação Calouste Gulbenkian, dá-se a conhecer o conjunto das nove propostas finalistas do Concurso Internacional de Ideias, promovido pela autarquia, para esta zona estruturante da cidade.



Esta exposição, além de evocar a memória histórica da Praça, apresenta, de forma acessível, os vários projetos em concurso, e as suas implicações no ordenamento viário, na circulação pedonal, na ocupação do solo e nas vivências locais.

São ainda destacadas as intervenções projetadas na área envolvente, que, em articulação com a requalificação da Praça, darão a esta zona um novo perfil.

A exposição, com entrada livre, inaugura dia 23 de novembro e pode ser visitada até ao final do ano.

www.cm-lisboa.pt/

Morar em Lisboa Renda acessível

O Programa Renda Acessível é uma iniciativa municipal com vista à criação de um mercado de arrendamento para a classe média, em Lisboa. Através da regeneração de 15 áreas da cidade e do recurso a edifícios municipais, serão disponibilizados cerca de seis mil fogos, com rendas fixadas, em regra, entre os 200 e os 400 euros por mês, e tipologias de T0 a T4.

Nas áreas de intervenção serão construídas creches e outros equipamentos necessários à vida na cidade, como jardins, espaços



para comércio e serviços, e soluções adequadas de mobilidade.

Este programa, promovido e controlado pelo município, é desenvolvido com a participação do sector privado, através de concursos públicos. Em cada operação, os concessionários projetam, constroem, gerem e conservam o parque habitacional, em média durante 30 anos, recebendo, em troca, as rendas previamente definidas, bem como cerca de 30% da área de construção.

O concurso público para a concessão na Rua de São Lázaro já está em fase de análise das propostas. Decorre, entretanto, a entrega de propostas para a área de intervenção da Rua Gomes Freire.

www.lisboarendaaccessivel.pt

Calvário

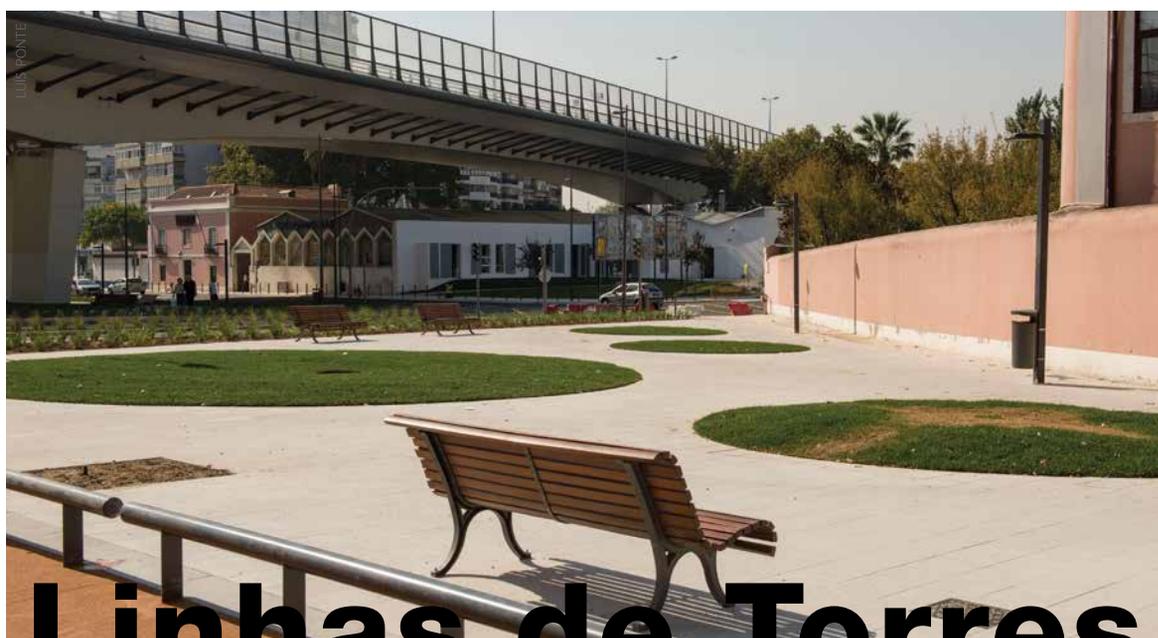


ARMINDO RIBEIRO

A cidade renova-se todos os dias. Mas há momentos especiais, com a conclusão de obras que oferecem mais espaços verdes e ajardinados, mais passeios para andar a pé, pistas para bicicletas e zonas para a prática de desporto ao ar livre.

Uma Praça em Cada Bairro

No âmbito do programa “Uma Praça em cada Bairro”, as alamedas de Ricardo Espírito Santo e das Linhas de Torres, e os largos de Alcântara, do Calvário e das Fontainhas surgem agora totalmente remodelados.



LILIS PONTE

Linhas de Torres

Entrevista

CARRILHO DA GRAÇA



A pouco tempo de os lisboetas poderem usufruir dos seus mais recentes projetos – a renovação do Campo das Cebolas, o parque urbano que se estende da Doca da Marinha a Santa Apolónia e o novo Terminal de Cruzeiros – o arquiteto João Luís Carrilho da Graça revela-se um pouco mais.

TEXTO Luís Miguel Carneiro | FOTOGRAFIA Ana Luísa Alvim

Dos cinco grandes prémios que ganhou, quatro deles têm que ver com Lisboa...

Vivo em Lisboa há muitos anos e gosto de trabalhar cá. É uma cidade maravilhosa. Vim para Lisboa aos 17 anos e fui para Belas Artes estudar Arquitetura. Quando acabei comecei a dar aulas na faculdade, ainda no último ano do curso. Aprendia mais do que ensinava e lancei-me em trabalhos em conjunto com os meus alunos. Esses trabalhos focaram-se muito em Lisboa e na interpretação que eu fiz da forma da cidade, do seu crescimento em cima deste território muito ondulado, com a extraordinária luz do rio em fundo.

Em tempos disse que achava que o exercício da arquitetura era, de alguma forma, uma violência, uma intrusão, como acontece numa operação cirúrgica.

Quando construímos, movimentamos meios muito poderosos, o que tem uma componente violenta. Como numa operação cirúrgica, nós tentamos que cada intervenção seja o mínimo possível intrusiva. Ela tem de partir do conhecimento do que já lá existe.

Existe sempre aquela discussão, por vezes polémica, entre dois termos: se a arquitetura deve partir das preexistências e adaptar-se ao que lá existe, ou se deve ser a oportunidade para uma operação de grande renovação.

Eu nunca tive grandes hesitações em relação a isso. Numa operação de desenho, o que caracteriza um edifício é ele ter um sítio único, e é isso que lhe confere individualidade e força. Não podemos abdicar de refletir sobre o sítio onde se vai construir sob pena de perdermos uma parte das potencialidades de intensidade e significado daquilo que se constrói.

No concurso para o Terminal de Cruzeiros, o nosso edifício era o mais pequeno que apareceu, embora respondendo ao programa. Insere-se num espaço de parque urbano ao longo do rio, que é uma contrapartida importante para os lisboetas, pois naquela zona

escasseiam os espaços verdes. É um edifício que só tem climatização nas zonas onde isso é indispensável, havendo circuitos que não chegam a passar pelo ar condicionado, com as zonas de acesso semiexteriores com ventilação natural. Tentou-se que houvesse o mínimo possível de artificialidade.

Trabalhando sobre uma paisagem já humanizada, onde existe memória, como decidir o que deve ser preservado?

A questão da paisagem, e das preexistências no território, é fundamental. É aí que se baseiam as minhas decisões. Mas temos de ter um sentido prático sobre a qualidade dos edifícios existentes para decidir o que deve ser mantido. Se têm qualidade devem ser preservados. Se não têm – mais do que esventrados e cobertos com máscaras, como manter a fachada, em operações de faz de conta, que apenas deixam espectros do que existiu – então é preferível demolir.

Quando tem de se demolir um edifício, por falta de qualidade ou outra razão pragmática, é importante que não tenhamos a sensação de que o que lá estava era melhor do que o que veio a seguir. Isso é o pior de tudo.

Um olhar atento descortina o território sob a paisagem humanizada?

Sim. Lisboa é um bom exemplo: um território muito ondulado, onde nos pontos altos existem edifícios históricos significativos. É muito importante perceber a relação que se foi estabelecendo entre a cidade e a paisagem envolvente, onde existiam quintas cruzadas por vias de comunicação que ligavam áreas de produção e abastecimento. Pelo Campo Grande entrava o gado, até ao Campo de Santana, por outras vias entravam os verdes – e assim se foi construindo todo um sistema. Estradas atravessando os planaltos, e outras nas linhas de vale, onde se foram colmatando e soterrando as linhas de água – como aconteceu na estrada que corria pelas Portas de Santo Antão, cuja rua manteve magníficos



CARRILHO DA GRAÇA

É uma mudança de grande impacto para os lisboetas e para os visitantes, que agora irão poder usufruir de toda esta frente ribeirinha. O que vamos ter no parque urbano? E no Terminal de Cruzeiros?

O Terminal tem duas rampas de acesso público à cobertura do edifício, um terraço com uma vista lindíssima sobre o Mar da Palha e sobre a cidade. O edifício tem um caráter funcional, como um aeroporto, com zonas de embarque e desembarque, mas quis que estivesse ligado à cidade – e as rampas permitem um percurso de passagem sobre o edifício.

Na zona junto ao Terminal de Cruzeiros, para além da zona mais funcional de estacionamento temporário dos autocarros para largada e tomada de passageiros, temos relvados e muitas árvores, com sombras e apoios à estadia, permitindo a interação entre o funcionamento do terminal e a cidade.

O parque urbano tem continuidade com o espaço da Doca da Marinha, que será completamente aberto, com alguns equipamentos virados para a fruição do lugar (como quiosques) e a atividade náutica. Um circuito de ciclovias também estabelece a continuidade entre as duas zonas.

edifícios, face aos quais a Avenida da Liberdade não se conseguiu impor.

É este tipo de análise que permite que as intervenções possam ser acertadas, fazendo com que a cidade se desenvolva a partir de uma estrutura muito antiga. Através da cartografia temos logo uma ideia do que poderemos encontrar quando começamos a escavar, para o que contamos com o trabalho de especialistas, como os arqueólogos, como aconteceu no Campo das Cebolas.

A intervenção no Campo das Cebolas insere-se num programa mais vasto, pois inclui a Doca da Marinha e o novo parque urbano ribeirinho, daí até Santa Apolónia, onde se implanta o novo Terminal de Cruzeiros.

É um sistema integrado de ligação entre Santa Apolónia e o Terreiro do Paço. Começou com concursos públicos completamente separados: o primeiro foi o do Plano Urbanístico do Aterro da Boavista, a ponte do Terreiro do Paço, que ganhei, e se está agora a desenrolar; dois anos depois ganhei o concurso internacional para o Terminal de Cruzeiros, organizado pela Administração do Porto de Lisboa e pela Câmara; e dois anos depois, ganhei o concurso do Campo das Cebolas.

Como se liga esta área ribeirinha ao Campo das Cebolas, do outro lado da Avenida Infante D. Henrique?

O Campo das Cebolas tem uma ligeira inclinação e uma plataforma que funcionará como uma espécie de miradouro para o rio, pois está um metro e meio acima da via rodoviária.

Trata-se de uma praça com o seu lado prático, com apoios para os miúdos (parques infantis para várias idades), bancos, bebedouros, relvados, árvores, uma livraria da Fundação Saramago, esplanadas junto aos edifícios e uma série de outras valências urbanas para uma vivência intensa.

Como cidadão que tem assistido a grandes transformações na cidade nas últimas décadas, como vê a atual evolução urbanística de Lisboa?

Estamos num período decisivo, as coisas acontecem a uma vertiginosa velocidade. Passámos por um período de grande crise, em que sentíamos dolorosamente a cidade quase paralisada, ao qual se sucedeu uma enorme euforia, em parte motivada pelo crescimento do turismo. Podemos pensar que esta situação tem alguns perigos, mas isso revela o que já sabíamos – que a cidade é maravilhosa e que agora é descoberta por outros, o que nos deve deixar orgulhosos.

Lembro-me de que houve uma altura em que alguns parisienses ficavam incomodados por os edifícios à beira do Sena serem comprados por japoneses, chineses e outros. Isso não é complicado, nem em Paris, nem em Lisboa.

As cidades têm as suas próprias regras e as alterações serão sempre pontuais. Nós continuaremos a ter sempre as colinas e o Mar da Palha.

Não o assustam as mudanças, portanto?

Lembro-me de que ninguém gostava da Avenida 24 de Julho, com o trânsito intenso e um barulho insuportável, pelo que a tendência dos planos era virar-lhe as costas. Mas, num espaço de dez anos, conseguiu-se uma acalmia do tráfego e descobriu-se que aquele espaço pode ser aprazível para andar a pé. A cidade mudou bastante, com intervenções simples e pequenos investimentos.

Com este afluxo de pessoas curiosas em conhecer a nossa cidade, algumas que compram cá casa e fazem obras, e com as intervenções de qualificação no espaço público – o que veio impulsionar a reabilitação do edificado – a cidade vai evoluindo mas mantendo o fundamental, pois a sua topografia é imutável.

DUAS INTERVENÇÕES RECENTES



SANTA APOLÓNIA

Um parque urbano, com relvados, zonas de sombra arborizadas e circulação ciclável e pedonal, liga Santa Apolónia à Doca da Marinha, aberta para fruição do público, em frente ao Campo das Cebolas.

O Terminal de Cruzeiros, em Santa Apolónia, para além das suas funcionalidades de embarque e desembarque de passageiros, oferece um miradouro na sua cobertura, a que o público terá acesso livre através de duas rampas.



CAMPO DAS CEBOLAS

Uma praça sob a sombra de árvores, com espaços de estadia e sistema de vistas para a cidade e para o rio. Relvados, parques infantis e esplanadas, a par de uma livraria da Fundação Saramago, prometem fazer desta praça um lugar de encontro e de convívio.

A entrada é livre.

Estrada do Barcal
Monte das Perdizes
Centro de Interpretação de Monsanto
218 170 200
monsanto@cm-lisboa.pt

3. MUSEU DA CIDADE

O Museu da Cidade, instalado num bonito palácio do século XVIII, aloja nos seus vários espaços ajardinados inúmeras famílias de pavões com as suas crias. No jardim de buxos encontram-se ainda animais em tamanho gigante, mas em cerâmica das Caldas: caracóis, andorinhas, abelhas, rãs, macacos, raposas e cegonhas, entre outros. A não perder. A entrada no jardim é livre.
Campo Grande, 245
217 513 200
info@museudelisboa.pt

4. JARDINS DA FUNDAÇÃO CALOUSTE GULBENKIAN

Nos bonitos jardins da Fundação Calouste Gulbenkian, podem encontrar-se 43 aves diferentes ao longo de todo o ano, como a andorinha-preta, o pisco, o chapim, o estorninho e o gaio; mas são sobretudo os gansos e os patos-reais que mais encantam as crianças. A entrada no jardim é livre.
Avenida de Berna 45A
217 823 461
museu@gulbenkian.pt

5. SOCIEDADE HÍPICA PORTUGUESA

Aqui, pessoas de todas as idades aprendem a montar e a saltar obstáculos a cavalo. Nas instalações, abertas ao público, também se podem observar os cavalos nas suas boxes a serem tratados pelos donos ou tratadores. A entrada é livre mas deverá identificar-se na portaria.
Hipódromo do Campo Grande
217 817 410
geral@societadedehipica.pt

6. JARDIM DO CAMPO DE SANTANA

Este belo jardim com árvores centenárias, onde outrora existiu um importante chafariz, apresenta dois lagos que se tornaram um oásis para patos, gansos e até galos e galinhas que ali vão beber. Toda esta bicharada, mas sobretudo o cantar dos galos

pela manhã, leva o nosso imaginário a uma quinta dentro de Lisboa. O acesso ao jardim é livre.
Campo dos Mártires da Pátria
218 160 970
(Junta de Freguesia de Arroios)
geral@jfarroios.pt

7. TAPADA DAS NECESSIDADES

A tapada anexa ao Palácio das Necessidades, outrora pertença da família real, é um grande jardim com árvores centenárias, lagos e vegetação exótica, ideal para um dia bem passado na companhia dos mais novos. A maior atração são os patos e gansos que circulam livremente pelos relvados. A entrada no jardim é livre.
Largo das Necessidades
213 932 110

8. TAPADA DA AJUDA

A Tapada da Ajuda, com um enorme Parque Botânico e Ambiental de cerca de cem hectares, é atualmente pertença do Instituto Superior de Agronomia. Neste parque poderá visitar seis belos garranos (cavalos selvagens da zona montanhosa do Alto Minho e Trás-os-Montes). Para os encontrar deverá entrar pelo portão principal do Instituto Superior de Agronomia, e seguir as setas que indicam "restaurante A Pateira" e "Inova" - os cavalos encontram-se junto ao espaço Inova. Entrada livre.
Calçada da Tapada
Instituto Superior de Agronomia
213 653 333
ceabn@isa.utl.pt

9. CASTELO DE SÃO JORGE

O Castelo de São Jorge, com o seu ambiente medieval e vestígios históricos, sendo um dos monumentos mais emblemáticos da cidade é

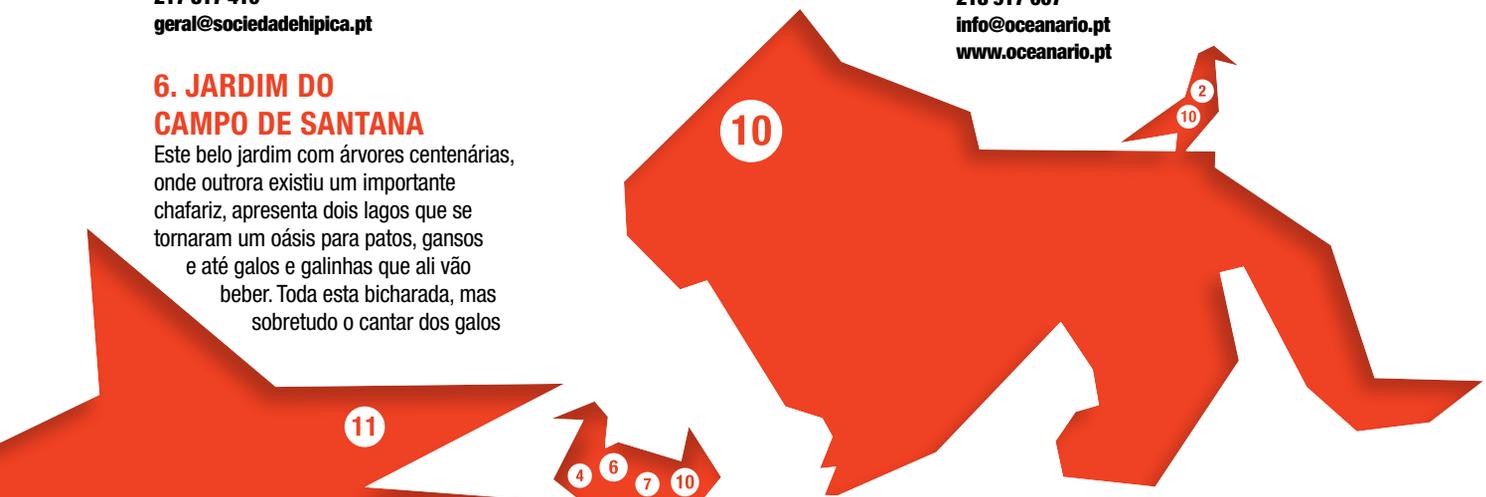
também dos mais visitados. cujo O seu nome evoca o santo padroeiro dos cavaleiros e cruzados. Este espaço apresenta inúmeros locais ajardinados onde se passeiam muitos pavões e galinhas galinhas-da-da-Índia. A entrada entrada é paga, exceto para os moradores da cidade de Lisboa munidos de cartão do cidadão e com pin da morada ativo. Entrada livre (para lisboetas residentes).
Rua de Santa Cruz
218 800 620
info@castelodesaojorge.pt

10. JARDIM ZOOLOGICO

No Jardim Zoológico podem encontrar-se animais dos quatro cantos do mundo sem sair de Lisboa: desde os tigres-de-sumatra oriundos da densa vegetação da floresta tropical húmida, aos leões, girafas e elefantes da árida savana africana, passando pelas coloridas aves da América do Sul, com os seus voos majestosos. A entrada é paga.
Sete-Rios / Estrada de Benfica, 158-160
217 232 900/22
www.zoo.pt
info@zoo.pt

11. OCEANÁRIO DE LISBOA

O Oceanário de Lisboa também nos leva a viajar por todo o planeta. Um grande aquário central de água salgada com quatro habitats marinhos cria a ilusão de estarmos perante um só mundo oceânico onde coexistem os diferentes ambientes naturais. A visita desenrola-se em dois níveis: o terrestre e o subaquático, atravessando as águas temperadas, tropicais e frias dos vários oceanos. A entrada é paga.
Esplanada Dom Carlos I
Parque das Nações
218 917 007
info@oceanario.pt
www.oceanario.pt





Escola de Calceteiros

Partir pedra numa profissão
tipicamente portuguesa

A Escola de Calceteiros de Lisboa é única no mundo e já completou 30 anos de existência, tendo formado profissionais capazes de manter viva a tradição artística da calçada portuguesa.

TEXTO Isabel Advirta | FOTOGRAFIA SG-DMC

Calcário branco e basalto preto em perfeita harmonia

Uma calçada portuguesa como as que mais admiramos não nasce facilmente: o calcetamento (colocação dos paralelepípedos no solo) obedece a técnicas adequadas em função das utilizações previstas e das características da pedra, do solo e da areia a utilizar; depois, há que ajustar a técnica ao desenho conforme os padrões pretendidos. E o resultado final depende em grande parte da arte e mestria de quem a assenta.

Criada com o objetivo de formar calceteiros profissionais e de sistematizar os conhecimentos sobre esta arte e prática lisboeta, a Escola de Calceteiros assegura aos formandos os conhecimentos teóricos e práticos imprescindíveis ao exercício da profissão. Esta inicia-

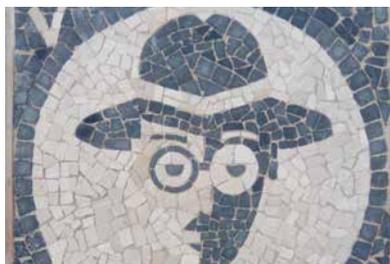
tiva municipal contribui, assim, para a preservação do conhecimento acumulado por várias gerações de mestres calceteiros, valorizando este ofício genuinamente português e intimamente ligado ao nosso património cultural.

Além dos cursos de formação de longa duração destinados à habilitação profissional de calceteiros, a escola promove *workshops* dirigidos a diversos públicos e adaptados às necessidades de cada grupo.

Paralelamente à vocação formativa, a Escola de Calceteiros tem como missão valorizar este património junto do grande público, através de projetos lúdico-educativos, como visitas comentadas ou atividades destinadas a crianças do ensino básico.

A escola dispõe, ainda, de um centro de documentação especializado.

História da calçada um segredo da luz lisboeta



Nascida em Lisboa em meados do século XIX, a calçada portuguesa, como a conhecemos, rapidamente se disseminou pelo território nacional e pelo mundo, e é hoje um símbolo do próprio país.

Com as características atuais, a calçada portuguesa teve como precursor o governador do Castelo de São Jorge em Lisboa, Eusébio Furtado, que, em 1842, transformou os acessos ao monumento em lugares de passeio, com áreas ajardinadas. Colocado por presidiários do Castelo, o tapete de pequenas pedras de calcário branco, cortado por linhas de pedras de basalto preto, num desenho em ziguezague, fomentou um interesse inédito pelo pavimento da cidade.

O efeito obtido levou a autarquia a incentivar a utilização desta técnica de “calçar a

rua” noutros locais. E foi no Rossio, numa obra de homenagem aos Descobrimientos, que teve lugar o primeiro grande projeto: demorou cerca de um ano a calcetar os mais de 8700 m². Este calcetamento passaria a ser a forma preferida de revestir os passeios na cidade – contribuindo também, pelo efeito de refração da pedra, para a famosa luz da cidade.

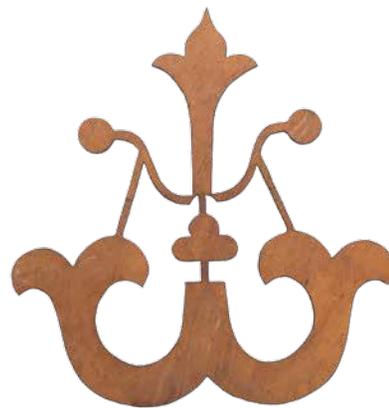
Lisboa é, ainda hoje, a cidade-referência para este tipo de pavimento; mas, além de estar presente em todo o país, há calçada portuguesa espalhada um pouco por todo o mundo, sendo o calçadão do Rio de Janeiro um dos seus máximos expoentes. Da Escola de Calceteiros saíram já muitos dos mestres que, um pouco por todo o mundo, são responsáveis pelos desenhos mais admirados.

Moldes artísticos, em madeira, da calçada portuguesa

Desenhados pelos próprios calceteiros ou por artistas consagrados.



Flor



Composição "livre"



Pé de trepadeira



Esfera Armilar com Cruz de Cristo

Cursos de formação

Em parceria com o Instituto de Emprego e Formação Profissional, promove cursos de formação e educação de adultos destinados a pessoas desempregadas ou jovens à procura do primeiro emprego, sendo a inscrição realizada através do centro de emprego da área de residência.

Escola de Calceteiros – Quinta do Conde dos Arcos, av. Dr. Francisco Luís Gomes, 1800-180 Lisboa | 218 550 690
escoladecalceteiros@cm-lisboa.pt

GÍRIA DOS CALCETEIROS **Aparelhar** partir a pedra na palma da mão . **Enxadrezar** Distribuição das pedras em malhete . **Mestras** Linhas de apoio das fiadas . **Recalque** Efeito do maço no empedrado quando este altera a superfície calçetada . **Xadrez** Designação geral dada ao desenho das calçadas.



exposição **LOJAS COM HISTÓRIA**

Os 82 estabelecimentos comerciais distinguidos no programa “Lojas com História” dão-se a conhecer numa exposição com múltiplos motivos de interesse – patrimoniais, comerciais, turísticos e culturais.

A exposição “Lojas com História” dá visibilidade ao espólio patrimonial dos estabelecimentos comerciais reconhecidos por este programa municipal. São casas que se destacam pela sua antiguidade, características únicas, valor histórico, artístico e cultural.

Esta iniciativa é uma das várias que, no âmbito daquele programa, pretendem contribuir para o reconhecimento e salvaguarda do comércio tradicional e de excelência na cidade. Entre outras: a criação de um fundo para a renovação

e conservação dos estabelecimentos e para a promoção de atividades de animação e divulgação; a construção de um site (www.lojascomhistoria.pt); e, posteriormente, a edição de um livro.

A exposição tem como curador Miguel Marques dos Santos, membro do grupo de trabalho Lojas com História desde os seus momentos iniciais. O projeto expositivo (por ramos de atividade comercial) estende-se por dois pisos de um edifício da Baixa, revelando, loja a loja, os 82 estabele-

cimentos distinguidos – com fotografias, texto informativo e, sobretudo, objetos que espelham a atividade destas casas (produtos comercializados, rótulos, reclamos, instrumentos, etc.). Para o brilho e riqueza do conteúdo da exposição muito contribuiu, naturalmente, a colaboração dos lojistas.

A exposição está patente nas instalações do Fundo de Pensões do Banco de Portugal, na Rua da Conceição 134 / Rua do Crucifixo 7, de terça a sábado, das 12h00 às 18h30, até 25 de novembro.



The City

Where to Stay

Eating & Drinking

Museums & Heritage

Leisure & Entertainment

Flavours of Lisboa

Places of Worship

Toda a informação em www.cm-lisboa.pt

Visitar Lisboa

O sítio da Câmara Municipal de Lisboa oferece aos turistas que visitam a capital toda a informação necessária para desfrutar de uma estadia plena e tirar partido das ofertas da cidade. Para tal, o utilizador precisa apenas de carregar no botão “English”, no topo da página, para que esta passe a apresentar nesta língua notícias e informações relevantes. No separador “Visitar” é possível encontrar informação como locais de alojamento, espaços de lazer e entretenimento, museus e património, locais de culto ou, ainda, os sítios mais aprazíveis para comer e beber, dando-se também a conhecer os pratos típicos da cidade. Na mesma página, em “Como chegar”, os visitantes podem consultar a rede internacional de transportes – avião, expresso, barco ou comboio, bem como os terminais de cruzeiros (Alcântara e Santa Apolónia) –, e respetivos interfa-

ces de transporte local, que lhes permitem aceder aos locais de interesse na zona ribeirinha e centro da cidade.

A informação sobre transportes públicos não foi esquecida, estando disponível o mapa das redes de metro, autocarros e comboios suburbanos, além da indicação de horários e serviços especiais, tais como o transporte para pessoas com mobilidade reduzida, e o “Bike Bus”, programa que possibilita, em horários específicos, o transporte de bicicletas.

A página disponibiliza ainda informação sobre os corpos diplomáticos, embaixadas e consulados, hospitais, farmácias, polícia e táxis, entre outra informação útil para quem visita e quem habita a cidade.

Pode entrar diretamente em:
www.cm-lisboa.pt/en/visit



Orçamento participativo

Incubadora de Artes de Carnide

A Incubadora de Artes de Carnide resulta de uma proposta vencedora do Orçamento Participativo, na edição de 2016. A ideia partiu de um grupo de moradores da freguesia, pertencentes à associação Boutique da Cultura. O equipamento, localizado na Avenida do Colégio Militar, dispõe de várias salas de trabalho, de formação e de reunião, uma oficina, um espaço de *cowork* e uma loja. Está vocacionado para acolher artesãos, criativos ou empresas em diversas áreas: artesanato, pintura, escultura, desenho, serigrafia, fotografia, joalheria, antiguidades, restauro, tecnologias da informação e comunicação, design, conteúdos multimédia, gastronomia, artes performativas e artes visuais. Promove também ações de formação, numa programação que se estende até março de 2018.



Informações e inscrições: 926 830 272
incubadoradeartes@boutiquedacultura.pt



LISBOA
EU PARTICIPO!
ORÇAMENTO PARTICIPATIVO DE LISBOA

**JÁ CONHECE
OS PROJETOS
OP'2017
A VOTAÇÃO?**

CONSULTE E
ESCOLHA 2 PROJETOS EM
WWW.LISBOAPARTICIPA.PT



JÁ VOTOU?

VOTE POR SMS
(PARA O Nº4310 COM O Nº PROJETO)
ONLINE OU
PRESENCIALMENTE



**SMS
GRÁTIS**

+ INFORMAÇÕES EM:
WWW.LISBOAPARTICIPA.PT
WWW.FACEBOOK.COM/LISBOAPARTICIPA

**VOTE ATÉ
22 DE NOVEMBRO!**



bairros

Alfama e Castelo Histórias pela casa adentro

“A minha casa tem uma porta por onde a tua história pode entrar” é um projeto de intervenção social e comunitária nos bairros do Castelo e de Alfama, estruturado em torno da leitura e da experimentação da linguagem.

Trata-se de um projeto no âmbito do programa BIP/ZIP – Bairros e Zonas de Intervenção Prioritária,



promovido pela Associação Casa Branca, em parceria com o Grupo Desportivo do Castelo, o Agrupamento de Escolas Gil Vicente e a Arisco – Instituição para a Promoção Social e da Saúde.

Assumindo a intergeracionalidade como princípio, contou, nesta edição, com a participação de alunos das escolas do Castelo e do Convento do Desagravo e de um grupo de moradores seniores da freguesia de Santa Maria Maior, que, entre outras atividades, protagonizaram leituras encenadas.

www.casabranca-ac.com

Casalinho da Ajuda Um bairro leitor

“Bairro Leitor” é um projeto inovador no bairro Casalinho da Ajuda. Desenvolve atividades de mediação de leitura com os jovens e as crianças; dinamiza encontros regulares intergeracionais, em experiências de convívio, associadas à leitura, à festa, à gastronomia, à arte e à cultura; e promove os fatores de coesão do bairro



através de projetos mobilizadores das competências locais.

É promovido pela Junta de Freguesia da Ajuda em parceria com a Laredo – Associação Cultural e a Associação de Apoio e Segurança Psicossocial (AASPs), no âmbito do programa municipal Bip/Zip – Bairros e Zonas de Intervenção Prioritária.

Com o apoio de vários parceiros, o projeto tem permitido desenvolver ações de requalificação e dinamização do bairro, dando uma nova esperança às populações que o habitam, particularmente aos mais jovens. O lema é: “tornar o bairro um lugar onde se vive melhor por ser um bairro leitor”.

[www.facebook.com/pg/
bibliotecadobairroleitor](https://www.facebook.com/pg/bibliotecadobairroleitor)

Ajuda Primeiro emprego

“Ajuda de Artistas” é um projeto BIP/ZIP – Bairros e Zonas de Intervenção Prioritária que visa promover a capacitação de pessoas com fragilidades sociais, à procura do primeiro emprego ou desempregadas de longa duração, apoiando a sua integração laboral através da educação formal e não formal.

Promovido pela Associação Centro Cultural Recreativo das Crianças do Cruzeiro e Rio Seco (CCRCCR),



pelo Sindicato dos Profissionais dos Seguros (SISEP) e pelo Sporting Clube Rio-Seco, este projeto, com formações no âmbito das artes, cidadania e turismo, habilita os formandos para a intervenção turística e artística, incentivando a criação de serviços e produtos na freguesia da Ajuda. De igual modo, consolida e amplia o Fórum de Artes e Ofícios da Ajuda, lançando artistas e artesãos em novas artes, alavancando a economia social e o desenvolvimento do turismo local.

Café Memória

As bibliotecas municipais de Marvila e Galveias acolhem o Café Memória – um ponto de encontro para pessoas com problemas de memória ou demência, seus familiares e cuidadores.

Na Biblioteca Palácio Galveias as sessões acontecem no segundo sábado de cada mês, das 10h às 12h; em Marvila, no quarto sábado de cada mês, no mesmo horário. A entrada é livre e não necessita de inscrição prévia.

Esta iniciativa visa reduzir o isolamento social em que se encontram muitas pessoas com demência e respetivos e familiares e cuidadores, contribuindo para a melhoria da sua qualidade

de vida. Pretende ainda sensibilizar a comunidade para a relevância crescente do tema das demências, diminuindo o estigma que lhe está associado. O Café-Memória atua numa lógica de proximidade, pretendendo complementar e alargar a resposta social a este tipo de problema, com cada vez maior expressão nas nossas sociedades.

A nível nacional, esta rede de apoio dispõe de dezasseis

cafés-memória. Em Lisboa, este projeto conta com o apoio da autarquia, da Associação Alzheimer Portugal, da Sonae Sierra e da Santa Casa da Misericórdia de Lisboa. Com mais estes dois cafés-memória, o projeto, criado em 2013, passa agora a contar com cinco espaços em zonas distintas da cidade: Colombo, Chiado, Castilho, Campo Pequeno e Marvila.

www.cafememoria.pt/



desporto

Lisboa é finalista Capital Europeia do Desporto em 2021

Lisboa é uma das duas cidades finalistas para a conquista do título de Capital Europeia do Desporto em 2021, de acordo com um comunicado, de 1 de agosto de 2017, da Aces Europa - entidade a quem o Parlamento Europeu reconhece a competência para a atribuição desta distinção. Lisboa e Haia (Holanda) estão no mesmo patamar no caminho para 2021, na sequência do relatório de avaliação daquela comissão.



Qualquer destas cidades poderá ser a vencedora deste galardão. No seguimento da cerimónia de entrega do dossier de candidatura, realizada no passado dia 29 de junho, em Lisboa, segue-se a “visita de avaliação” a ter lugar em Lisboa entre os dias 23 e 26 de novembro próximos.

A candidatura de Lisboa pretende acrescentar valor à visão do Município para o desporto e reforçar a estratégia definida de posicionar Lisboa ao nível das cidades de referência no panorama desportivo internacional. O culminar do processo de avaliação será conhecido no dia 6 de dezembro de 2017, no Parlamento Europeu, onde será anunciada a cidade vencedora do título de Capital Europeia do Desporto em 2021.

roadto2021.pt

Para remar e velejar Clubes de Mar

No sentido de estimular as crianças para o contacto com o mar e promover as atividades náuticas tirando partido da longa frente de rio de, a autarquia tem vindo a promover, desde 2015, o programa Clubes de Mar, que integra aulas de vela e de remo para alunos do 2.º e do 3.º ciclo, respetivamente, das escolas públicas do concelho de Lisboa.



Este programa é desenvolvido em parceria com as juntas de freguesia, os agrupamentos de escolas e os clubes náuticos da cidade, e integralmente gratuito para os alunos.

www.cm-lisboa.pt/viver/desporto/clubes-de-mar

O ano passa a correr Corrida São Silvestre

A mais aguardada das provas de atletismo da cidade, aquela com que, tradicionalmente, nos despedimos do ano velho, tem já as inscrições abertas a todos os que nela queiram participar. A prova, com certificação 5 estrelas da European Athletics, e organizada pela HMS Sports em parceria com a Câmara Municipal de Lisboa, vem patrocinada pela marca El Corte Inglés.



As inscrições para a corrida de 10 km e para a Clube Pelicas São Silvestre da Pequeneda, prova dirigida a crianças nascidas entre 2004 e 2012, estão disponíveis em www.saosilvestredelisboa.com.

À semelhança das edições anteriores, a organização irá promover treinos de preparação nos três últimos sábados de dezembro antes da prova – dias 9, 16 e 23, pelas 10h no Anfiteatro Keil do Amaral, em Monsanto.

www.saosilvestredelisboa.pt



‘Uau!’

A Escola Básica Maria Barroso já está em pleno. Perto de cento e cinquenta crianças estrearam a mais recente escola da cidade, que nasceu na Baixa, e que há muito era pretendida por quem aqui vive e trabalha. Um novo espaço de ensino dando a Lisboa mais e melhores condições para as famílias.

TEXTO Rui Martins | FOTOGRAFIA Armindo Ribeiro

“Uau!”, foi a exclamação de Raül, de 4 anos, quando no dia 13 de setembro, juntamente com outras crianças, entrou na sala de jardim de infância para iniciar o seu percurso escolar por longos e bons anos, deixando para trás os tempos de creche.

A escola da Baixa, EB Maria Barroso, no Largo da Boa-Hora, serve 150 crianças cujos pais vivem ou trabalham nesta zona da cidade. Há muito aguardado, o novo equipamento abriu as portas para acolher duas turmas do pré-escolar e quatro turmas do primeiro ciclo. Dois amplos espaços servem de recreio, com escorregas e brinquedos para os mais pequenos, e um grande salão cumpre as funções de ginásio. A cozinha, totalmente equipada, está preparada para a confeção de refeições e fica adjacente a um amplo refeitório com o mobiliário adaptado às necessidades das crianças.

As salas de jardim de infância são espaçosas e foram completamente equipadas com brinquedos e materiais pedagógicos, e com todos os elementos para proporcionar conforto e lazer aos seus pequenos utentes. Já as salas do primeiro ciclo, bastante espaçosas, têm zonas de lavatórios para mãos e para materiais, e muitos espaços de arrumos. As janelas altas em estilo pombalino conferem ao edifício grande luminosidade e amplitude o que beneficia a vivência do espaço.

Pertencente ao agrupamento de escolas da Baixa-Chiado, a EB Maria Barroso foi inaugurada no passado dia 2 de maio, data em que se assinalaria o aniversário da atriz, primeira dama e benemérita que lhe dá o nome. A nova escola ocupa um edifício pertencente ao antigo tribunal da Boa-Hora, que foi totalmente reconvertido para se adaptar às novas funções. O resultado está agora à vista e ao serviço das crianças da cidade.

**A Brasileira, café do Chiado aberto em 1905,
notabilizou-se como centro de tertúlias
de políticos, artistas e escritores.
Fernando Pessoa
emprestou-lhe alma e fama.**

TEXTO Luis Miguel Carneiro | FOTOGRAFIA Nuno Correia



A BRASILEIRA DO CHIADO





A venda a retalho de café em grão (importado das propriedades brasileiras de Adriano Telles) e de outros géneros alimentícios provenientes do Brasil (goiabada, chá-mate, tapioca) era o negócio principal da casa na Rua Garrett 120. Foi aqui, no que fora uma camisaria com porta e montra, que se fundou *A Brasileira – Casa Especial de Café do Brasil*.

No entanto, desde a abertura que se servia a bebida de café coado, a título de prova – “todo o comprador tem direito a tomar uma chávena de café gratuitamente”, rezava a publicidade, adiantando que “o melhor café é o d’ A Brasileira”. Pouco depois, em 1908, o espaço sofre uma profunda remodelação, expandindo-se para a porta ao lado (n.º 122), passando a apresentar uma entrada ladeada por duas montras. No interior, onde se introduzem os tetos estucados e os revestimentos de madeira nas paredes, surge um “salão de café”, excepcionalmente aberto até à uma hora da manhã, e que também serve chá, gelados, pastelaria, bebidas alcoólicas e tabacos.

Centro da vida mundana e elegante

A localização deste estabelecimento era invejável, muito contribuindo para o seu sucesso. O Chiado elegante era o centro da vida mundana das elites lisboetas. Aqui perto singrara o mais luxuoso café lisboeta no século XIX (o *Marrare “do Polimento”*, onde se juntava a tertúlia liberal de Almeida Garrett, Alexandre Herculano, José Estêvão e Passos Manuel). Ao lado, a *Caza Havaneza*, com os tabacos estrangeiros e as notícias que chegavam ao seu telégrafo, atraía os políticos e jornalistas. Alguns dos hotéis mais luxuosos da capital estavam nas imediações, tal como estavam os teatros de São Carlos (desde 1793), Gimnasio (1845), Trindade (1867), Dona Amélia (1894, depois rebatizado República e São Luiz) e Chiado Terrace (1908) – contando-se estes últimos entre os primeiros cinemas de Lisboa.

Com a implantação da República, em 1910, a proximidade do Diretório do Partido Republicano (no Largo de São Carlos, no mesmo edifício onde nasceu Fernando Pessoa) e das reda-



ções dos jornais imprimiram novo vigor à zona. A vizinhança, com a Academia (depois Escola) de Belas-Artes, a Biblioteca Nacional e as editoras, era fonte de artistas e escritores. O êxito do novo café do Chiado estava seguro e, nesse ano de 1910, abre-se uma sucursal num chalé na Rocha do Conde d'Óbidos, que não vingaria.

O café do modernismo

Foram os artistas e escritores que investiram *A Brasileira* do Chiado da sua merecida fama. Os poetas, ensaístas e pintores da geração das revistas modernistas *Orpheu* (1915) e *Portugal Futurista* (1917) aqui se reuniam à mesa. Era o caso de Fernando Pessoa e de Almada Negreiros, mas também de Mário de Sá-Carneiro, Raul Leal, Santa-Rita Pintor, Amadeo de Souza-Cardoso, Alfredo Guisado, José Pacheco, António Ferro e Luís de Montalvor. Em 1923-24, por iniciativa da firma "A Brasileira, Lda." (sociedade que juntava Adriano Telles do Vale e seus filhos), dá-se uma renovação do espaço, sob o risco do arquiteto Norte Júnior, que estabelece

a fachada num vão em arco, com três portas em ferro forjado a substituir as montras, guardadas por estátuas e máscaras e encimadas por grinaldas *arte nova* trabalhadas na pedra, tudo ao gosto parisiense *fin de siècle*.

No ano seguinte, por sugestão do jornalista Norberto Araújo, o arquiteto José Pacheco (o artista Pacheco) seleciona onze pinturas de sete pintores modernistas que frequentavam o café: Almada Negreiros (com os famosos quadros *As Banhistas* e *Auto-Retrato num Grupo*, representando o artista e seus companheiros a uma mesa deste espaço), Eduardo Viana, Jorge Barradas, Stuart Carvalhais, António Soares, Bernardo Marques e o próprio José Pacheco. A inauguração foi motivo de escândalo e iradas reações de desagrado, sendo *A Brasileira*, durante muitos anos, o único espaço público a apresentar pintura modernista.

Durante a ditadura, este café foi reduto de artistas e intelectuais resistentes, apesar de a sede da polícia política estar a pouca distância, na Rua António Maria Cardoso, no enfiamento do Largo do Chiado, como se passou



A BRASILEIRA

a denominar este troço da Rua Garrett. Havia um procedimento tácito, segundo o qual aquela polícia não procedia a detenções no interior do café, em cujas mesas se planearam muitas “revoluções” inconsequentes. Mas, à porta, havia lugar para todas as violências. Em torno das figura tutelares dos empregados João Franco (a quem Bernardo Marques, no próprio dia, confidenciou que se iria suicidar), Oliveira e Albino, reuniam-se escritores como Teixeira de Pascoaes, Matos Sequeira e Augusto Ferreira Gomes, o fotógrafo Joshua Benoliel, o jornalista Artur Portela, o músico Raul Ferrão, e os atores Estêvão Amarante e Antônio Silva, entre outros. Nos anos da Segunda Guerra, surge a presença refrescante de estrangeiros refugiados – e refugiadas - de hábitos ousados.

Não obstante a excelência da freguesia, que contava com as figuras de Abel Manta, Vitorino Nemésio e Alçada Baptista, em 1969 surgiu o rumor de que o café-santuário iria fechar, ideia reforçada com a venda dos onze quadros a um colecionador particular (na realidade, seriam vários, acabando os dois de Almada por ser posteriormente adquiridos pela Fundação Gulbenkian a Jorge de Brito). A sociedade que explorava o estabelecimento (falecido Adriano Telles em 1932, esta era constituída por herdeiros das famílias Guimarães Telles e Galvão Teles e outros sócios que haviam adquirido cotas a partir de 1960) soçobrava, por incapacidade financeira e dificuldades na obtenção de café.

A “nova” Brasileira

É neste contexto de crise que, em 1971, um dos sócios contacta um irmão que era fazendeiro de café no norte de Angola. Tratava-se de Jaime Soares da Silva que, para além da atividade, partilhava outra afinidade com o fundador da casa, Adriano Telles: era também natural de Alvarenga. O fornecimento de café é normalizado e os clientes recebem outra boa notícia: uma comissão composta por quatro críticos de arte (Rui Mário Gonçalves, Fernando Bronze, Fernando Pernes e José-Augusto França) fora encarregada de selecionar no-

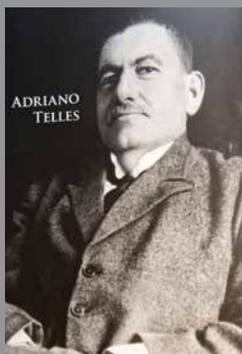


vos quadros para as paredes do salão. Foram então escolhidas as obras de pintores contemporâneos que ainda hoje aqui se encontram: Manuel Baptista, Fernando de Azevedo, Níkiás Skapinakis (cuja pintura retrata os quatro críticos da comissão à mesa do café), Vespeira, António Palolo, João Vieira, Eduardo Nery, Joaquim Rodrigo, Carlos Calvet e João Hogan, nas paredes laterais, e, no fundo do espaço, a “pintura decorativa” de Noronha da Costa.

Em 1976, regressado de Angola, Jaime Soares da Silva comprou a quota de 25% ao irmão, ficando a sociedade reduzida a quatro sócios. Com um deles, ainda compraria a *Cervejaria Munique*. Entretanto, foi adquirindo as restantes quotas de *A Brasileira*, acabando como único proprietário da sociedade. Em 1988, pouco antes do pavoroso incêndio do Chiado, é colocada no exterior do estabelecimento, sobre o passeio, uma estátua em bronze de Fernando Pessoa sentado à mesa do café, da autoria do escultor Lagoa Henriques. O espaço sofre obras de restauro em 1993, sobretudo ao nível de alterações no balcão corrido, nas casas de banho e no restaurante na cave, surgindo a esplanada no exterior. No ano seguinte, no âmbito da Lisboa Capital Europeia da Cultura 1994, seriam restaurados os quadros.

Jaime Soares da Silva faleceu em 2001, deixando a sociedade aos seus filhos. Um deles, o homónimo Jaime Silva, olha hoje as multidões de turistas que peregrinam a este santuário do café com história, e se sentam com Fernando Pessoa à mesa da sua estátua, para uma das *selfies* mais concorridas do mundo. O sentimento é ambivalente, de nostalgia e *sentido de posse*: “É bom sermos reconhecidos, mas esta não é a clientela da nossa *Brasileira*”.

HISTÓRIAS D'A BRASILEIRA



O FUNDADOR

Adriano Soares Telles do Vale, natural de Alvarenga (Arouca), onde nasceu em 1859, deixou a terra natal aos doze anos e tornou-se um jovem emigrante no Brasil, cerca de 1880. Estabelecendo-se em Rio Branco, Minas Gerais, dedicou-se à produção de café e à sua venda, num estabelecimento de secos e molhados que também

funcionava como casa de câmbios, a par do interesse pela política e pelas artes. Devido aos problemas de saúde da sua primeira mulher, filha de um rico fazendeiro que se tornara seu sócio, regressou a Portugal na passagem do século. Em Portugal, entregou-se àquilo que aprendera a fazer: comercialização de café e câmbio de moeda. Para o efeito, em sociedade com parentes e outros comerciantes, abriu uma série de lojas, todas com a designação de *A Brasileira*: no Porto (1903), onde também instala a sua primeira torrefação de café; em Aveiro e em Sevilha (1904); em Lisboa - no Chiado (1905) e no Rossio (1911); em Braga (1907); e em Coimbra (1928).



E ASSIM NASCEU A “BICA”

São várias as versões lendárias sobre a origem do termo “bica” para designar uma chávena com café – mas todas têm em comum ter ocorrido esse batismo à mesa d’*A Brasileira*. Contudo, a mais consistente, relata assim o facto: um grupo de clientes habituais, onde se incluíam Stuart Carvalhais e um tal Luís Gama, numa gélida madrugada, regressou de uma noite no Bairro Alto,

aportando n’*A Brasileira* pelas sete horas da manhã.

Como de costume, o empregado Albino Gonçalves trouxe o café na cafeteira, distribuindo-o pelas chávenas dos clientes. Quando chegou a vez do Gama ser servido, já o café estava frio e este terá pedido: “Ó Albino, vai à bica”, designando a torneira da máquina de saco onde se enchia a cafeteira. Desde então, os outros diziam: “Para o Gama é da bica!”. E todos quantos queriam o café bem quente passaram a pedir: “Para mim é bica”. Com a chegada das máquinas de café expresso, onde a chávena se enche diretamente sem recurso à cafeteira, os que queriam o café desta máquina passaram a pedir “bica”.



MANUEL DUARTE, um engraxador no Rossio

Manuel Sousa Duarte, 74 anos de idade, engraxa sapatos no Rossio, já lá vão onze anos, porque “sentir-se útil e falar com as pessoas” é manter-se ativo, e não deixar morrer uma antiga profissão. Nasceu na Beira Alta e veio para Lisboa com apenas três anos, porque a mãe procurava melhor vida, como criada de servir na capital.

TEXTO Sara Inácio | FOTOGRAFIA Américo Simas

Quem passa na Praça D. Pedro IV, em pleno coração de Lisboa, pertinho do conhecido Café Nicola, não pode ficar indiferente ao mestre engraxador. Manuel Duarte, sentado no seu banquinho de madeira, onde guarda todos os artefactos, e debruçado sobre os pés dos clientes, “faz música” com as suas flanelas ao puxar o brilho nos sapatos dos fregueses.

É dia de verão. O Rossio ferve de gente, transeuntes, turistas, gente que se apressa

para o trabalho. O nosso engraxador, à sombra de uma densa árvore – um lódão-bastardo (*Celtis australis*) –, cumpre o ritual de todos os dias: limpar e polir calçado.

Enquanto atende um cliente revela-nos a sua história de vida, com um sotaque algo estranho, que depois viemos a saber tratar-se de castelhano. “O meu pai morreu antes de eu nascer; trabalhava nas minas de São Pedro do Sul. A minha mãe, Maria da Glória,

viu-se obrigada a vir para Lisboa trabalhar como criada. Tempos difíceis. Ela trabalhava, e eu ficava em casa da tia Carmo e da tia Valentina. Cresci aqui. Aos 12 anos comecei o ofício como aprendiz de sapateiro, mas não gostava. Mais tarde fui estofador, mas um dia cansei-me e parti para Espanha. Fui porteiro durante 32 anos, numas das principais artérias de Madrid, num prédio da Gran Vía. Depois reformei-me e aqui estou.”

A “nossa” história é interrompida: a jovem Ariana, que trabalha ali perto, vem cumprimentar o senhor Manuel. “Ele é uma excelente pessoa, um bom amigo, não lhe encontro defeitos”, e despede-se atarefada.

“Quando fui para Madrid já tinha um filho, da minha primeira companheira. Ele foi viver comigo quando tinha sete anos, a mãe ia lá vê-lo quando podia. Hoje é um homem com 41 anos, estudou e continua por lá como empregado de balcão. Foi em Madrid que conheci a minha atual mulher, com quem casei já há 16 anos. Ela é russa, de São Petersburgo. É a minha Erina Kostanova e vivemos na vila Amélia Gomes, perto do bairro Madre de Deus.”

Figura simpática e sorridente, a do nosso interlocutor, que todos fazem questão em cumprimentar. Os clientes saem satisfeitos – é rápido, eficaz e barato. O trabalho custa três euros, mas quase sempre fica gorjeta.

Manuel Sousa Duarte escolheu a vida de engraxador depois da reforma porque precisava de “ver e ouvir pessoas, ficar em casa não é para mim”. É um homem do mundo, já viajou por muitos países, França, Bélgica, Holanda. “À Rússia vou todos os anos em agosto”, diz-nos, feliz. Segundo nos referiu, esta era a profissão que lhe permitia estar mais tempo sentado: uma paralisia infantil, aos nove meses, incapacitou-lhe uma perna, e mais tarde, numa fatídica queda, a outra ficou também afetada. Desloca-se com a ajuda de canadianas, mas nada o impede de passear por Lisboa. Gosta do Castelo, do Jardim da Estrela, e da praça onde trabalha, naturalmente.

“Sou um aventureiro que aqui fala com todo o mundo!”



MATERIAIS DO ENGRAXADOR

Caixa, banco, escovas, graxas, ceras, tinta (com segredo), pincéis, panos de puxar brilho.





Galveias

Um Oásis na Cidade

O Palácio Galveias, biblioteca municipal desde 1931, reabriu ao público, depois de profunda reabilitação. Lá dentro, está agora uma biblioteca do século XXI. Polivalência, conforto, património, tecnologia e conhecimento servido em todos os suportes, num oásis de beleza e tranquilidade.

TEXTO Rui Martins | FOTOGRAFIA Armando Ribeiro

O antigo palácio de verão da família Távora, construído no século XVII, alberga hoje uma das mais modernas bibliotecas de Lisboa e do país. A biblioteca do palácio Galveias, designada biblioteca central até ao seu encerramento em 2015 para requalificação, tornou-se um dos *ex-libris* da rede de bibliotecas municipais dada a qualidade do seu acervo

e a sua presença numa das praças nobres da cidade, o Campo Pequeno. Esta biblioteca já há muito servia uma população estudantil, que frequenta várias universidades localizadas na envolvente daquela zona, e oferece hoje condições de conforto e funcionalidade que vêm suprir necessidades há muito sentidas. São mais de trezentos lugares sentados,

pontos de internet e de ligação para computadores, e também as salas polivalentes que permitem reuniões em grupo, debates e encontros. Uma dessas salas, mais ampla, permite a existência de uma plateia para assistir a conferências, lançamentos, projeções de filmes, etc. Um espaço dedicado à infância é outra das novidades.

Também do ponto de vista do acolhimento ao leitor, dois pontos de apoio ao empréstimo de livros e computadores para consulta de catálogo facilitam a requisição de documentos. O vasto acervo ascende a mais de 120 000 documentos, devidamente acondicionados em salas hoje equipadas com as melhores condições de preservação. Também o mobiliário foi totalmente renovado facilitando a utilização do computador pessoal ou do *tablet*, num ambiente aprazível.

No palácio, no jardim ou em casa

A sala com as novidades editoriais tem as obras acessíveis à mão do leitor, o que permite a consulta e a leitura expedita do que se vai publicando a nível nacional.

No piso de cima, a sala José Saramago, tirando partido do friso de azulejos e do bellissimo teto, amplamente restaurado, converteu-se num espaço nobre para a realização de eventos, ou pode funcionar simplesmente como local de fruição e leitura.

E, naturalmente, não poderia faltar uma referência ao vasto jardim que se estende a tardoz do palácio, local convidativo a momentos de lazer ou leitura ao ar livre, e que beneficiará em breve de serviços de cafetaria a partir de um quiosque ali instalado. Volvidos dois anos e um investimento de 2,5 milhões de euros, a biblioteca do Palácio Galveias junta-se à biblioteca de Marvila e ao espaço cultural Cinema Europa (Campo de Ourique), enquanto equipamentos renovados de raiz, tornando-se um dos símbolos da modernização dos equipamentos de proximidade que prestam serviços de cultura.

O PALÁCIO DOS TÁVORAS



Construído em inícios do século XVII, em terrenos dos Marquês de Távora, o palácio Galveias passou em 1759 para mãos do Estado, após o episódio histórico conhecido como o “Processo dos Távoras”. No início do século XIX foi adquirido pelo Conde Galveias que rebatizou o palacete. Mais de um



século depois, a Câmara Municipal de Lisboa tomou posse do palácio, que se encontrava fechado e em degradação, aí instalando, a partir de 1931, a biblioteca, o arquivo e o museu municipal. Enquanto parte destas valências se transferiam para outros espaços da cidade, a biblioteca perdurou no mesmo local e foi capitalizando importância ao longo das décadas seguintes, beneficiando da sua centralidade numa zona em franca expansão.



LUZ

Moda Lisboa

Sob o tema “Luz”, a última edição da Moda Lisboa, que decorreu entre 6 e 8 de outubro no renovado Pavilhão Carlos Lopes, celebrou uma das grandes virtudes naturais da cidade soalheira e também o génio e o talento que ilumina os nossos criadores de moda. Foi mais uma glamorosa montra para o mundo da ousadia criativa dos estilistas e do arrojo da indústria nacional de moda, confirmando este grande evento como um dos mais destacados no panorama internacional.

FOTOGRAFIA Américo Simas e Nuno Correia



David Pereira, vencedor do Prémio ModaLisboa 2017



Bastidores do desfile de Lidija Kolovrat

Visões da escravatura Atlântico Vermelho

“Atlântico Vermelho” é uma exposição da autoria da artista plástica brasileira Rosana Paulino, que toma como ponto de partida as representações de etnia e de género na sociedade brasileira, no período histórico da escravatura.

O título remete para o mar “tingido de sangue pelo tráfico escravista”. Utilizando imagens do quotidiano, representando a banalidade da exploração do humano pelo humano,



enquanto elemento do pitoresco, a artista coloca em evidência e procura refletir o modo como esses elementos se imiscuíram na cultura atual.

Esta exposição insere-se no âmbito da programação de Lisboa – Capital Ibero-Americana de Cultura, e pode ser visitada até 30 de dezembro no Padrão dos Descobrimentos.

Resistências Casa dos Estudantes do Império

Casa dos Estudantes do Império – Subsídios para a História do seu período mais decisivo (1953 a 1961) – um livro de Helder Martins. Nesta obra, o autor utiliza as suas memórias enquanto ativista da Casa dos Estudantes do Império (CEI) e elabora um importante levantamento histórico, de documentos e imagens, revelando



as circunstâncias que estiveram na origem da criação da CEI, bem como a complicada luta para pôr fim às tutelas do regime. O autor destaca ainda o trabalho realizado pelas direções democraticamente eleitas pelos estudantes.

Antes de ser encerrada compulsivamente, a Casa dos Estudantes do Império, sediada em Lisboa, acolheu grandes figuras das artes, das letras e da política africana, que viriam a ter um papel de relevo na construção e autonomização das novas nações africanas.

Arte contemporânea Turbulências

Também no âmbito da programação de Lisboa – Capital Ibero-Americana de Cultura, “Turbulências” reúne cerca de 40 obras de arte contemporânea da coleção privada do banco catalão La Caixa, no Torreão Nascente da Cordoaria Nacional.



Muitas das obras em exposição apresentam-se pela primeira vez ao público português – algumas delas adquiridas recentemente e nunca antes exibidas pela instituição. Instalação, fotografia, videoarte, entre outros, num cruzamento de linguagens e proveniências: do Brasil a Cuba, do México à Venezuela ou Irão.

Um olhar global sobre os contrastes e as contradições de um mundo plural, que se transforma a alta velocidade.

Para ver até 3 de dezembro.



eventos em destaque

OUT

Festival Temps d'Images

16 de outubro a 5 de dezembro

Vários locais

Um festival que privilegia o cruzamento das artes de palco com a imagem, num total de 26 espetáculos e eventos, a decorrer em 13 espaços da cidade.

NOV

Dias do Desassossego '2017

16 a 30 de novembro

Vários locais

A Casa Fernando Pessoa e a Fundação José Saramago, duas casas de autor, celebram a voz dos livros em vários locais da cidade: música, cinema, mesas-redondas, animação, promoção da leitura e passeios, guiados pelo amor da literatura.

Mais informação na página 44.

3.ª Exposição Internacional de Orquídeas de Lisboa

10, 11 e 12 de novembro

Mercado de Santa Clara

Exposição onde podem ser admirados belos e raros exemplares desta espécie botânica, provenientes de vários habitats. À semelhança das edições anteriores, participam dezenas de expositores, nacionais e estrangeiros. Palestras e workshops complementam o programa.

InShadow Festival

15 de novembro e 3 de dezembro

Vários locais

A programação do Festival InShadow revela o melhor na área da criação artística transdisciplinar. Géneros e linguagens que se intersejam em vídeos, performances, instalações e exposições.

Lisboa Games Week

16 a 19 de novembro

FIL- Parque das Nações

O Lisboa Games Week é, a cada realização anual, o acontecimento do mundo dos videojogos em Portugal. Um evento que antecipa as novidades do mercado, e que dá a possibilidade a um vasto público entusiasta de experimentar, em primeira mão, os últimos títulos e dispositivos de videojogos.

Vodafone Mexefest

24 e 25 de novembro

Vários locais na Av. da Liberdade

O Vodafone Mexefest regressa a Lisboa, transformando umas das principais artérias da capital na montra perfeita para ouvir e descobrir alguns dos artistas mais entusiasmantes do momento.

Lisbon & Sintra Film Festival '17

17 a 26 de novembro

Vários locais

Na sua 11.ª edição o LEFFEST reúne, de novo, o que de melhor se faz no mundo da Sétima Arte. Mas não só. Mais informação na página 44.

DEZ

Natal em Lisboa

Vários locais

O Natal em Lisboa é já uma tradição no mês de dezembro, fazendo ecoar a música e o canto em espaços emblemáticos da cidade. Mais informação na página 44.

3.ª Feira de Vinhos de Lisboa

5 a 10 de dezembro

Rua Augusta

Em plena época natalícia a Rua Augusta também recebe uma feira. Aqui, além do vinho, os visitantes poderão adquirir doçaria e outros produtos gastronómicos que a região de Lisboa tem para oferecer.

Mercado da Baixa

14 a 22 de dezembro

Praça da Figueira

Durante nove dias, o mercado mensal dos produtos regionais promove e revela novos sabores, com muitas delícias portuguesas, fazendo lembrar os tempos em que ali existiu, de facto, um imponente mercado coberto e permanente.

Festa de Passagem de Ano

31 de dezembro

Terreiro do Paço

Vem aí um novo ano, e Lisboa prepara um ambicioso programa para receber 2018. O Terreiro do Paço vai, mais uma vez, animar-se e vestir-se de gala para a contagem decrescente.

em festa

Pessoa e Saramago Dias do Desassossego

Duas datas, duas casas, dois escritores: entre 16 e 30 de novembro, a Casa Fernando Pessoa e a Fundação José Saramago programam em conjunto os Dias do Desassossego'17 e trazem a Lisboa música, poesia, prosa,



passeios literários e arte urbana.

Entre o dia de nascimento de José Saramago e o dia da morte de Fernando Pessoa, a leitura e os seus efeitos são pretexto para concertos, oficinas para crianças e jovens, ações de promoção da leitura, conversas com leitores, textos e poemas lidos. O programa decorre na “casa” dos dois autores e, também, noutros locais da cidade: Teatro São Carlos, São Luiz- Teatro Municipal e Associação B.Leza.

www.josesaramago.org/

LEFFEST Cinema em festival

Serão mais de 150 filmes de todo o mundo, em competição, fora de competição e antestreias, em Lisboa e Sintra, entre 17 e 26 de novembro. Cineastas consagrados e novos talentos, um encontro internacional de escolas de cinema e a homenagem a grandes autores do cinema contemporâneo, com várias retrospectivas.

A exposição de criações artísticas intimamente ligadas ao cinema é outra das principais apostas do



LEFFEST, que vai já na 11.ª edição. Este festival distingue-se também pelo diálogo que estabelece entre o cinema e as outras artes, como o teatro, a música, a fotografia e a literatura.

A programação inclui ainda vários momentos de partilha de ideias e de conversa com o público, como masterclasses, debates e um simpósio internacional com realizadores, atores, filósofos e artistas.

www.leffest.com

Música e dança Natal na cidade

O programa de animação Natal em Lisboa é já uma tradição no mês de dezembro, fazendo ecoar a música e o canto em espaços emblemáticos da cidade e convidando à descoberta do património eclesialístico.



Um ciclo de concertos para toda a família, com entrada livre, volta a preencher vários locais e igrejas, durante os primeiros três fins de semana de dezembro. Este ano, pela primeira vez, o roteiro é alargado a outras confissões religiosas. A programação desta edição traz-nos orquestras, coros, ensembles e grupos de câmara que vão interpretar clássicos de Natal de grandes compositores nacionais e estrangeiros. A dança é outra das grandes novidades, prometendo cativar quem passar pelo aeroporto Humberto Delgado.

natalemlisboa.com



À conversa com **NUNO DELGADO** na sua escola de judo

Considerado o melhor judoca português de todos os tempos e o primeiro a ganhar uma medalha olímpica, Nuno Delgado abriu-nos as portas da sua escola para nos contar um pouco da sua história. Vive e trabalha no coração da cidade, na freguesia da Estrela. É lá que funciona a Escola de Judo Nuno Delgado, a maior do país.

TEXTO Mafalda Ferraz | FOTOGRAFIA Ana Luisa Alvim e Américo Simas

‘Os centros estão onde os alunos estão: nas escolas’



A descoberta do judo

O Jardim da Estrela é o seu local de eleição e, por isso, todas as manhãs, antes de ir para o dojo, o antigo campeão faz um passeio pelo jardim. “Viver na cidade e sentir a natureza aqui ao lado é um grande privilégio.” Escolheu viver e trabalhar na Estrela porque “a qualidade de vida que se ganha em conseguir reunir tudo na mesma zona da cidade, sendo uma das mais bonitas, tem um valor inestimável”.

A relação entre Nuno Delgado e o judo e começou bem cedo. Aos seis anos, a família decidiu que seria benéfico para ele experimentar essa arte marcial. Era uma criança muito ativa e com pouco controle: os pais, desesperados, chegaram a comprar-lhe um capacete para não passar a vida a partir a cabeça. “Nunca tinha ouvido falar de judo, foi uma experiência totalmente nova e uma paixão à primeira vista.”

O judo ajudou-o a integrar-se na cidade de Santarém, para onde foi viver em criança, e é nessa cidade ribatejana que Nuno diz ter encontrado “uma família de amigos”, em que o professor “era como se fosse um pai”. Essa estrutura trouxe-lhe duas coisas, essenciais na sua vida: tranquilidade e confiança. “Eu era

uma criança muito agitada, e o judo – através das técnicas de defesa pessoal e de domínio do adversário – o que nos ensina é a dominarmos-nos a nós próprios.” Com essa aprendizagem começou a procurar ultrapassar os seus limites, e por isso começou a competir, algo que lhe dava muito prazer e bons resultados.

Primeira medalha olímpica

Aos 18 anos, Nuno Delgado regressa a Lisboa para frequentar o curso de Desporto da Faculdade de Motricidade Humana. “Em 1999 já tinha uma carreira interessante (era campeão da Europa), e decidi que teria de me dedicar só ao judo, senão seria difícil ir mais longe”. E assim aconteceu: depois de acabar os estudos vieram os Jogos Olímpicos de Sidney, em 2000, e foi o concretizar de um “sonho de criança”. Conquistou o 3.º lugar, trazendo a primeira medalha para Portugal na disciplina de judo e a 16.ª medalha olímpica portuguesa da história. “Foi um sonho que vivi com muita intensidade, do ponto de vista desportivo mas também do ponto de vista social. A aldeia olímpica é um sítio de paz entre os povos onde toda a gente convive em harmonia.”



‘O judo, para surpresa de muitos, não é um sistema de luta’

Campeões para a vida

Com a perspectiva de voltar a participar nos jogos olímpicos, Nuno Delgado obteve mais uma grande vitória nos Campeonatos da Europa de 2003, mas quando tudo parecia estar a correr bem, Nuno começa a sofrer lesões e a não conseguir recuperar da melhor forma. Precisou de tomar uma decisão: ou fazer mais um ciclo olímpico ou desistir da competição e iniciar uma nova vida, tirando partido da sua licenciatura. O destino resolveu o problema: “Fisicamente não estava em condições de competir ao mais alto nível, por isso a decisão foi fácil; difícil foi escolher o novo caminho. Não me revia muito no que se estava a fazer ao nível da educação desportiva e, por isso, decidi abrir uma escola nova”. Surge, assim, a Escola de Judo Nuno Delgado (EJND), seguindo o princípio de utilizar o desporto para “formar pessoas e não apenas para treinar o corpo”.

Além do mais, esta escola veio resolver alguns dos problemas de acesso à prática desportiva: “como nem sempre é fácil, principalmente por causa da vida que os pais levam nas grandes cidades, a minha escola vai ter com os alunos”. A EJND divide-se em 30 cen-

tros que funcionam exatamente onde os alunos estão: nas escolas. Promove também um projeto social, em parceria com a autarquia, que já mobilizou mais de dez mil crianças ao longo dos últimos oito anos, de forma gratuita. “Para mim, a escola serve para formar seres humanos ‘campeões’, e o judo pode ser uma ferramenta interessante.”

A sua escola faz também parte da rede do “Passaporte Escolar”, programa municipal que proporciona atividades extracurriculares e visitas a vários equipamentos desportivos e culturais da cidade. “Eu imagino o que é uma criança ir ao Jardim Zoológico, ao Pavilhão do Conhecimento ou à Escola de Judo. São experiências transformadoras que a pode ajudar a descobrir aquilo que a faz respirar; porque quando descobrimos aquilo que nos faz respirar, podemos tornar-nos ganhadores”.

“O meu grande sonho para a escola é que um dia ela funcione sem mim, e que seja a própria sociedade civil a responsabilizar-se por gerir esta associação, que está aqui para servir, para ensinar e treinar cidadãos para serem campeões... na vida”, confidenciou-nos Nuno Delgado.

Vídeo: <https://vimeo.com/234698842>

PELO A FAVOR DE
ME MANDAR SEMPRE
A REVISTA
MUNICIPAL LISBOA
MUNTO INTERESSANTE
SEU SEMPRE
AMIGO DE 95 ANOS
JAYME ALBERTO ANDRE

JAYME ANDRÉ, MONTPELLIER

A revista Lisboa convida os seus leitores a manifestar as suas opiniões ou comentários sobre os conteúdos da revista ou outros assuntos.

Podem enviar as suas mensagens para: correio.leitores@cm-lisboa.pt

ou por correio postal para: Revista Lisboa, Departamento de Marca e Comunicação - Rua Nova do Almada, 53 - 1200-288 Lisboa

As cartas poderão ser editadas ou abreviadas por necessidade de clareza ou espaço. A revista está disponível em versão braille, nos locais indicados em:

www.cm-lisboa.pt/municipio/camara-municipal/publicacao-lisboa-versao-braille



O MAR QUE NOS UNE

**31 DE OUTUBRO
A 5 NOVEMBRO**

31 OCTOBER / 5 NOVEMBER 2017

Doca de Pedrouços

volvoceanracelisbon.com

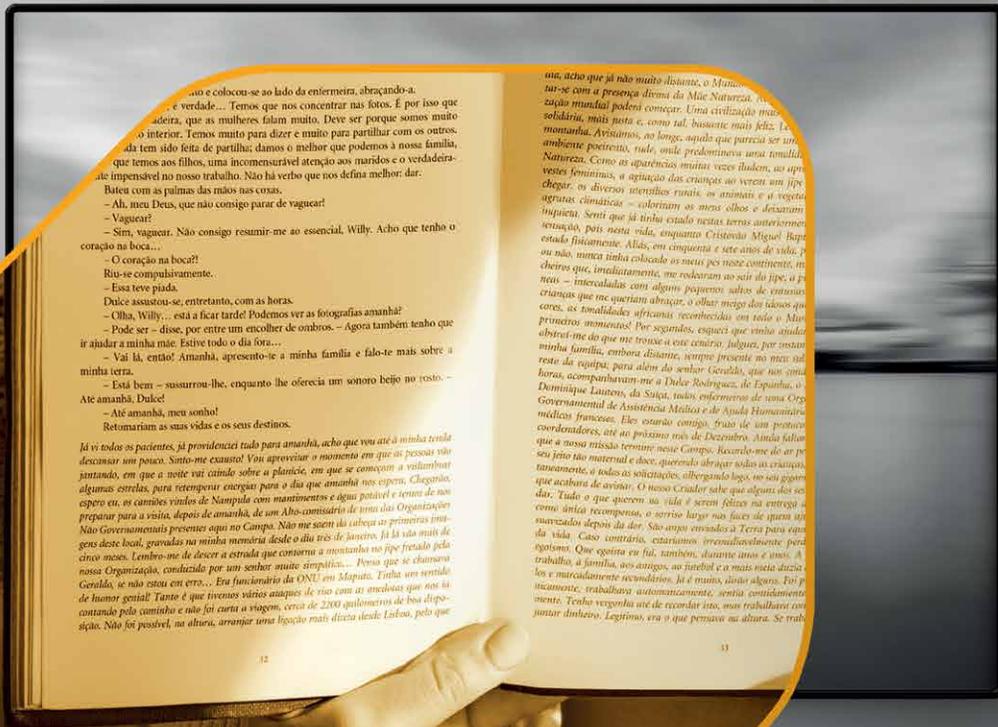


**VOLVO
OCEAN
RACE**
● ● ● ● ● ● ● ● ● ●
ROUND THE WORLD



Montepio

SE GOSTÁSSEMOS TODOS DO MESMO, O QUE ERA FEITO DO AMARELO?



...o e colocou-se ao lado da enfermeira, abraçando-a.
...e verdade... Temos que nos concentrar nas fotos. É por isso que
...adeira, que as mulheres falam muito. Deve ser porque somos muito
...interior. Temos muito para dizer e muito para partilhar com os outros.
...da tem sido feita de partilha; damos o melhor que podemos à nossa família,
...que temos aos filhos, uma incomensurável atenção aos maridos e o verdadeira-
...impedível no nosso trabalho. Não há verbo que nos defina melhor: dar.
Bateu com as palmas das mãos nas coxas.
- Ah, meu Deus, que não consigo parar de vaguear!
- Vaguear?
- Sim, vaguear. Não consigo resumir-me ao essencial, Willy. Acho que tenho o
coração na boca...
- O coração na boca?
- Não se compulsaivamente...
- Essa leve piada.
Dulce assistiu-se, entretanto, com as horas.
- Olha, Willy... está a ficar tarde! Podemos ver as fotografias amanhã?
- Pode ser - disse, por entre um encolher de ombros. - Agora também tenho que
ir ajudar a minha mãe. Estive todo o dia fora...
- Vai lá, então! Amanhã, apresento-te à minha família e falo-te mais sobre a
minha terra.
- Está bem - sussurrou-lhe, enquanto lhe oferecia um sonoro beijo no rosto. -
Até amanhã, Dulce!
- Até amanhã, meu sonho!
Retornariam as suas vidas e os seus destinos.

*Il vi todos os pacientes, já providenciado tudo para amanhã, acho que vou até à minha terra
deixar um pouco. Sinto-me exausto! Vou aproveitar o momento em que as pessoas vão
jantando, em que a noite vai caindo sobre a planície, em que se começa a vislumbrar
algumas estrelas, para reterpenir energias para o dia que amanhã nos espera. Elegendo,
espero eu, os caminhos vindos de Nampula com mantimentos e água potável e tentar de não
preparar para a visita, depois de amanhã, de um Alto-comissário de terra das Organizações
Não Governamentais presentes aqui no Campes. Não me serei lá cabeça as primeiras ima-
gens deste local, guardadas na minha memória desde o dia três de Janeiro. Já lá vão mais de
cinco meses. Lembrou-me de descer a estrada que construo a montanha no fife tratado pela
nossa Organização, conduzido por um senhor muito simpático... Pensa que se chamava
Gerardo, se não estou em erro... Era funcionário da ONU em Maputo. Tinha um sentido
de humor genial! Tanto é que tivemos vários ataques de riso com as aneddotas que nos lá
contando pelo caminho e não foi curta a viagem, cerca de 2200 quilómetros de boa dispo-
sição. Não foi possível, na altura, arranjar uma ligação mais directa desde Lisboa, pelo que*

...o, acho que já não muito iludido, o Mar...
...tu-se com a presença divina da Mãe Natureza, a...
...zação mundial poderá começar. Uma civilização mais
...solitária, mais justa e, como tal, bastante mais feliz. Le-
...monha. Avisámos, ao longo, aquilo que parecia ser um
...ambiente poético, tudo, onde predominava uma tamedia
...Natureza. Como a aparência muitas vezes iludem, ao ap-
...vestes femininas - coloridas as mesas altas e deixaram
...chegar, os diversos interesses finais, os amigos e a vegeta-
...agrarias climáticas - coloriram as mesas altas e deixaram
...Injuici. Senti que já tinha estado nestas terras anteriormente
...sentado, pois nesta vida, enquanto Cristóvão Miguel Rap-
...estado facilmente. Alá, em cinquenta e sete anos de vida, p-
...ou não, nunca tinha colado os meus pés neste continente, m-
...cheiros que, imediatamente, me rodearam ao sair do fife, a p-
...neus - intercaladas com alguns pojeiros altos de troncos
...crianças que me queriam abraçar, o olhar negro dos lábios pa-
...cores, as tonalidades africanas reconhecidas em toda a Mus-
...primeiros momentos! Por segundos, esqueci que vinha ainda
...abstrai-me de que me trouxe a esse cenário, julguei, por instantes
...minha família, embora absent, sempre presente no meu sul-
...rosto da equipa, para além do senhor Gerardo, que nos tinha
...horas, acompanhavam-me a Dulce Rodrigues, de Espanha, à
...Dominique Laurent, da Suíça, todos, enfermeiros de uma Org-
...Governamental de Assistência Médica e de Ajuda Humanitária
...médicas funções. Eles estavam comigo, fraco de um protocolo
...coordenadores, até ao próximo mês de Dezembro. Ainda falavam
...que a nossa missão terminaria neste Campes. Recordo-me de ter po-
...seu jeito tão maternal e doce, quando abrigar todos os estran-
...tamente, a todos os solicitações, albergando logo, no seu gipso
...que acabava de avistar. O nosso Criador sabe que alguns dos ses-
...da. Tudo o que quero na vida é ser feliz na entrega a
...como antes recomponha, e sorriso largo nas faces de quem me
...suavizados depois da dor. São anos vividos à Terra para vinda
...da vida. Caso contrário, certamente, invernalmente para
...rigorismo. Que agostei eu lá, também, durante anos e anos. A
...trabalha a família, aos amigos, ao futebol e a mais meta utopia
...los e maravilhamente recuadários. Já é mesmo, ainda alguns. Foi po-
...tamente, trabalhava autonomamente, sentia estranhamente
...mente. Tenho vergonha até de recordar isto, mas trabalhei com
...junior simbois. Legítimo, era o que pensava na altura. Se trab-

SÓ UM BANCO DIFERENTE
NOS LEVA MAIS LONGE



Conheça aqui as nossas soluções: CAIXA ECONÓMICA MONTEPIO GERAL - caixa económica bancária, S.A.
Sede: Rua Aurrea, 219 a 241, 1100 - 062 Lisboa - Capital Social: 2.420.000.000 Euros
Matriculada na Conservatória do Registo Comercial de Lisboa sob o número único de matrícula e identificação fiscal 500792615